Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Meireluce de Andrade Santos

O baú e o balão de memórias: autofigurações em Pedro Nava

Rio de Janeiro
2015

Meireluce de Andrade Santos

O baú e o balão de memórias: autofigurações em Pedro Nava

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Brasileira.

Orientadora: Profª. Dra.Fátima Cristina Dias Rocha

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

N316 Santos, Meireluce de Andrade.
O baú e o balão de memórias: autofigurações em Pedro Nava / Meireluce de Andrade Santos. – 2015.
71f.

Orientadora: Fátima Cristina Dias Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Nava, Pedro, 1903-1984 – Crítica e interpretação - Teses. 2. Memória – Teses. 3. Autobiografia – Teses. 4. Autopercepção - Teses. 5. Nava, Pedro, 1903-1984. Baú de ossos – Teses. 6. Nava, Pedro, 1903-1984. Balão cativo – Teses. I. Rocha, Fátima Cristina Dias. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Meireluce de Andrade Santos

O baú e o balão de memórias: autofigurações em Pedro Nava

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Brasileira.

Aprovada em 06 de abril de 2015.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Fátima Cristina Dias Rocha (Orientadora)

Instituto de Letras - UERJ

_____

Prof. Dr. Marcus Vinícius Nogueira Soares

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Beatriz dos Santos Damasceno

Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anisio Teixeira

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e ao Marcelo

AGRADECIMENTOS

Ao Marcelo, pelo incentivo, pela cumplicidade e, principalmente, pelo apoio incondicional a todos os meus projetos.

Aos meus pais, pela confiança e estímulo.

À minha orientadora, Profª Drª Fátima Cristina Dias Rocha, pelas leituras atentas, pelas sugestões precisas, pela paciência, pela disponibilidade, pelo carinho e pela honra de ter me aceitado como orientanda mais uma vez.

Aos membros da banca examinadora, Profº Dr. Marcus Vinícius Soares Nogueira e Profª Drª Beatriz dos Santos Damasceno.

Aos meus amigos do mestrado, especialmente, Aline Ferreira, pelas conversas, encorajamento e torcida.

E a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

SI EU SOUBESSE BRINCAR...

Si eu tivesse seis anos si soubesse brincar
pedia ao Menino Jesus que viesse me dar
seus brinquedos coloridos

E ele dava mesmo dava tudo
dava brinquedos variados de todas as cores
brinquedos sortidos
dava bolas lustrosas pra mim soltar de noite e
mandar todas pro céu com minha reza

Dava bolas dava quitanda dava balas
e havia de ficar melado, todo doce de minha baba.

E dava homenzinhos, arvinhas, bichinhos, casinhas e
em minhas mãos ingênuas eu tirava o mundo novinho,
cheiroso de cola e verniz, das caixas nurembergue
pra recomeçar deslumbrando a brincadeira da
vida

O Menino Jesus dava tudo si eu fosse menino
si soubesse brincar pra brincar com ele.

Pedro Nava

RESUMO

SANTOS, Meireluce de Andrade. *O baú e o balão de memórias*: autofigurações em Pedro Nava. 71f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação tem por objetivo investigar as memórias do escritor Pedro Nava, destacando as estratégias de autorrepresentação adotadas pelo autor nas obras *Baú de ossos e Balão cativo*. Essas duas obras compreendem as etapas do nascimento até os treze anos do memorialista, ou seja, período no qual Pedro Nava recebeu as maiores influências para sua formação. Analisamos que os autobiografemas – elementos comuns nas escritas de si – foram utilizados por Pedro Nava para moldar uma autofiguração de pesquisador, observador, analista de perfis humanos, além de grande leitor e intelectual. Abordamos a história familiar, a descoberta do mundo através das cidades, a paixão pelos livros e as experiências como interno dos colégios Anglo-Mineiro e Pedro II. Locais, inclusive, de descobertas para o caminho da medicina e da literatura. Consideramos que esses procedimentos fazem parte de um processo de construção de sua autoimagem.

Palavras-chave: Memória. Autoimagem. Autorrepresentação.

ABSTRACT

SANTOS, Meireluce de Andrade. *Memories baloon and trunk*: self-representations of Pedro Nava. 71f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This dissertation investigates the memories of writer Pedro Nava, giving prominence to strategies of self-representation adopted by the author in *Baú de ossos* and *Balão cativo*. These two books show the stages up to thirteen years since the birth of memorialist, in other words, the period in which Pedro Nava received the best influences for your formation. We analyzed ordinary of autobiography wich have been used by Pedro Nava to shape a self-concept of researcher, observer, analyst of human profile, as well as a great reader and intellect. We addressed the family history, his discovery of the world through cities, his passion for books and his experiences at boarding schools such Anglo-Mineiro and Pedro II. In these places, he discovered skills for medical sciences and literature. We considered these procedures are parts of process of the construction of the your self-concept.

Keyswords: Memories. Self-concept. Self-representation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BO	Baú de ossos
BC	Balão cativo
CF	Chão de ferro
BM	Beira-mar
GT	Galo das Trevas
CP	O círio perfeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO …. 11

1 **LIVRO DE RETALHOS** 14

1.1 **As memórias de Pedro Nava** …. 16

1.2 **A memória individual e a memória coletiva** …. 18

1.3 **Pedro Nava e a memória involuntária** …. 20

2 **O MENINO QUE FUI**..... 23

2.1 **A família** 24

2.1.1 O pai …. 26

2.1.2 Tio Salles …. 27

2.1.3 **A mãe** …. 29

2.1.4 A avó materna …. 32

2.1.5 Tia Joaninha …. 34

2.2 **As escravas** …. 35

2.2.1 Rosa …. 35

2.2.2 Justina e Lúcia …. 37

2.3 **As cidades da memória**..... 38

3 **O MENINO COM O LIVRO NA MÃO** 43

3.1 **A cena de leitura** 44

3.2 **Os colégios** …. 45

3.2.1 As primeiras escolas …. 46

3.2.2 Colégio Lucindo Filho …. 47

3.2.3 Colégio Anglo-Mineiro …. 49

3.2.4 Colégio Pedro II …. 51

4 **AS AUTOFIGURAÇÕES DE PEDRO NAVA** 54

4.1 **A autofiguração da família** …. 55

4.2 **A autofiguração da cena do nascimento**..... 57

4.3 **A autofiguração da casa da infância**..... 60

4.4 **A autofiguração do contador de histórias** …..... 62

4.5 **A autofiguração da primeira lembrança** 64

CONSIDERAÇÕES FINAIS 66

REFERÊNCIAS …..... 68

INTRODUÇÃO

O médico Pedro Nava, nascido em Juiz de Fora, ficou conhecido entre os escritores brasileiros como um poeta bissexto. Somente na década de 1970, após a morte de sua mãe, decidiu reunir os documentos, fotografias e objetos de familiares e amigos para escrever as suas memórias. Sua obra, segundo o estudioso Antonio Candido, é "em prosa franca, de composição corrida e compacta, baseada em longas sequências narrativas logicamente dispostas e engrenadas segundo sua necessidade, não linear, por certo, mas cronológica" (CANDIDO, 1987, p.61).

A obra de Pedro Nava integra o *corpus* das escritas de si na Literatura Brasileira. Entretanto, "tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo para a visão da sociedade, traduzida finalmente numa certa visão do mundo" (CANDIDO, 1987, p.61). Dessa forma, Nava construiu o seu relato fundado não apenas em suas recordações, mas também em documentos guardados e em pesquisas sobre os fatos da época em que está narrando. Esses elementos auxiliam o processo de criação do escritor e completam as lacunas da memória. Para prevenir-se contra imprecisões, Nava enviou questionários pelo correio para seus amigos e parentes, antes de redigir cada um dos volumes de sua obra.

Por outro lado, o memorialista revelou que recorreu à memória involuntária, assim como o escritor Marcel Proust, por quem Pedro Nava não esconde sua admiração. Através dos sentidos, as lembranças ganham vida e o escritor é, aparentemente, levado novamente aos momentos e às sensações vividas no passado.

Para escrever a história de seus antepassados, Nava recorre, ainda, aos relatos dos parentes. Com essas informações delineia a sua precisa e extensa genealogia. O estudioso Luiz Costa Lima afirma, em *Frestas*, que:

> A genealogia confere à memória um sentido estritamente privado. O narrador parece obsedado em transpor para o papel a tridimensionalidade da vida. São sobretudo avó, tias, primos e os pais. Enfileirados em centenas de páginas, nelas estarão a descrição minuciosa, algumas vezes comovente, do pai enquanto jovem, dos anos em que os familiares do narrador estiveram em São Luís, em Fortaleza, em Belo Horizonte, em Juiz de Fora, no Rio de Janeiro, de seus hábitos e ocupações […]. O cuidado com a reconstituição é tão detalhado que o memorialista chega a se corresponder com uma instituição heráldica italiana e, ao visitar o país, procura entrar em contato com toda pessoa que trouxesse o nome Nava (LIMA, 2013, p.373).

Pedro Nava escreveu seis volumes de memórias e 36 páginas de um livro

inacabado, além de poemas e crônicas. O escritor cometeu suicídio aos 80 anos, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, a cidade que escolheu para viver.

Nosso estudo privilegiou as obras *Baú de ossos* e *Balão cativo*, pois acreditamos que essas duas obras representam o período de formação do memorialista, que vai da primeira infância aos treze anos. Como é comum na "retórica" das autobiografias (MOLLOY, 2004), Pedro Nava utiliza-se dos autobiografemas, como o romance familiar, a cena de leitura, a vida escolar, entre outros, para compor as suas memórias de menino.

Entendemos que o autor seleciona episódios de suas lembranças para moldar uma autofiguração que privilegie a sua imagem de pesquisador, de observador, de analista de perfis humanos, além de grande leitor e intelectual. Ao usar essa estratégia, Pedro Nava estaria construindo uma autoimagem de arquivista e memorialista.

Para realizar esta investigação, primeiramente tratamos dos estudos sobre os conceitos de autobiografia e memória. Buscamos nas análises de Philippe Lejeune o conhecimento teórico sobre as autobiografias; e, em Henri Bergson e Maurice Halbwachs, as reflexões sobre a memória. No caso da memória, os conceitos de memória individual e memória coletiva.

No segundo capítulo, com base nos estudos de Sylvia Molloy, que salienta que toda autobiografia é uma "re-presentação, uma construção narrativa" (2003, p. 19), colocamos em evidência a história familiar de Pedro Nava, assim como a descoberta do mundo por meio das cidades, pois acreditamos que esses elementos foram importantes para a escrita da infância e da formação do autor.

No capítulo três, tratamos da formação intelectual de Pedro Nava, das escolas que o menino frequentou, principalmente como interno dos colégios Anglo-Mineiro e Pedro II. Quando o menino passa a estudar nesse regime, seu horizonte se amplia, uma vez que seu mundo girava apenas em torno da família. A escola, assim como a influência de alguns parentes, desperta em Nava o gosto pela leitura. Portanto, analisaremos alguns momentos das memórias de Pedro Nava, relacionados ao que a estudiosa Sylvia Molloy define como "cena de leitura", ou seja, o instante em que o menino se vê "com o livro na mão" (MOLLOY, 2003, p. 33) e assim se figura.

No capítulo quatro, apresentamos as estratégias utilizadas pelo memorialista para construir as suas autofigurações: as descrições da cena de seu nascimento, as lembranças da casa da família, E para garantir que a memória da família seja eternizada, a genealogia é transformada em romance familiar.

Nosso objetivo se constitui no estudo das estratégias utilizadas por Pedro Nava

para criar a autofiguração já mencionada anteriormente. Através da análise desses recursos, poderemos perceber que o memorialista faz uso de temas como a reflexão sobre o fazer literário e memorialístico, a cena do nascimento, a primeira lembrança os retratos da família, a descoberta da vocação profissional, para compor a sua autofiguração, a forma como deseja ser reconhecido pelo leitor: como arquivista, colecionador, contador de histórias, além de grande leitor e intelectual.

Como entendemos que a infância e a adolescência constituem um período marcante no relato de Pedro Nava, propomos que o seu estudo é indispensável para um melhor entendimento do projeto literário do memorialista, uma vez que as fabulações a que recorreu para recriar esse período da sua vida, nos dizem muito a respeito da sua literatura.

1 LIVRO DE RETALHOS

> Não estou pois dentro deste livro de retalhos, e sim fora dele. Mas sinto que foi um caminho pelo qual cheguei a uma excelente cidade, de ruas largas e populosas. Ele abriu minhas gavetas secretas. Libertou-me de fantasmas particulares. Agiu.
>
> *Carlos Drummond de Andrade, Confissões de Minas*

Antes de iniciarmos a análise da obra de Pedro Nava, é de total relevância revisitarmos os pressupostos teóricos sobre as escritas autobiográficas como gênero para, a partir de tais pressupostos, estruturarmos nossas argumentações a fim de confirmarmos a nossa hipótese.

As "escritas de si" constituem-se de textos assumidamente intimistas, como autobiografias, memórias, romances pessoais, diários íntimos, cartas, poemas autobiográficos e até mesmo o ensaio. Neles, há sempre a evidência do *eu*, que é simultaneamente sujeito e objeto da narração. Por se tratar de um assunto muito debatido pela crítica, sabe-se que há uma bibliografia vasta que, obviamente, não poderá ser completamente abordada. Buscaremos, portanto, concentrar nossos esforços na contemplação dos críticos mais consagrados e nos estudos mais relevantes para o nosso propósito.

Um dos nomes escolhidos é o de Philippe Lejeune, estudioso que, ao escrever o texto "O pacto autobiográfico", em 1975, tornou-se uma das principais referências teóricas no assunto. O autor propõe a seguinte definição para o termo autobiografia: "narrativa retrospectiva que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 2014, p.16).

A presença da tripla identidade entre *autor-narrador-personagem* definiria, para Lejeune, o conceito de autobiografia, distinguindo este "gênero" de outras formas de escrita íntima. A identidade entre o narrador e o personagem principal é marcada, principalmente, pelo emprego da primeira pessoa. Já para a identificação do narrador com o autor, o estudioso enfatiza a importância do *nome-próprio*, critério bastante simples, mas fundamental. O *nome próprio* seria, portanto, essencial, uma vez que a autobiografia teria como pressuposto a presença de identidade de nome entre o autor (tal como figura na capa), o narrador e o

personagem de quem se fala, afirmando assim o contrato estabelecido entre o autor e o leitor.

O crítico convoca como contra-exemplo um outro gênero, o *romance autobiográfico*, no qual não haveria identidade de nome entre autor, narrador e personagem – tratando-se, consequentemente, de ficção. Apesar disso, o leitor poderia suspeitar que o escritor, por algum motivo desconhecido, teria achado melhor se esconder atrás de um nome fictício de personagem do que revelar sua identidade. Tratando-se de uma forma bem mais fluida do que a autobiografia propriamente dita, abarcando diferentes níveis de "semelhança" entre autor e personagem, faltaria a esse gênero o que Lejeune chamou de *pacto autobiográfico*.

Já no caso das memórias, Lejeune explica que o autor se comportaria mais como uma testemunha. O objeto do discurso, neste caso, ultrapassaria de longe o indivíduo; ele apresentaria os fatos de acordo com o seu ponto de vista, mas o verdadeiro foco seria a história de grupos sociais aos quais ele pertenceria. Imbuída de um foco diferente, a autobiografia apresentaria como assunto principal precisamente o indivíduo. Desse modo, podemos afirmar que o desejo de escrever a história de uma época – memórias – ou de escrever a história de uma pessoa demarcaria a principal diferença entre esses dois gêneros, muitas vezes confundidos ou até utilizados como sinônimos. Como afirma a estudiosa Eurídice Figueiredo em *Mulheres ao espelho* (2013):

> Em termos de definição, é fácil distinguir a autobiografia das memórias: a primeira consiste na reconstituição e narração da vida daquele que escreve, enquanto as memórias são mais abrangentes e recriam todo um mundo social. Entretanto, na prática, muitas vezes é difícil classificar as obras, que misturam a linha linear da autobiografia clássica com memórias sociais e familiares, traçando perfis de amigos e ancestrais, descrevendo o ambiente em que viveram (FIGUEIREDO, 2013, p.48).

Na era medieval, a referência principal de autobiografia encontra-se nas *Confissões*, de Santo Agostinho, de caráter didático, com o objetivo de dar exemplos de consciência cristã. Entretanto, a obra é mais considerada como uma autobiografia espiritual do que a história de sua própria vida, pois, segundo Luiz Costa Lima, "só a partir do Renascimento passamos a encontrar condições efetivas para o aparecimento da autobiografia" (LIMA, 1986, p.257).

Do Iluminismo, uma das mais exemplares produções autobiográficas são as *Confissões* de Rousseau, escritas no fim de sua vida e publicadas postumamente, em 1778.

A partir do século XX, surgem relatos autobiográficos importantes, mas sempre avaliados pela crítica como gênero inconsistente, e por isso, não digno de juntar-se aos

grandes romances que marcaram o espaço literário dessa época. O apogeu da literatura memorialística se dá com a publicação de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, em 1913. Essa obra perpetua o conceito de memória involuntária, que abordaremos mais adiante.

A obra de José de Alencar, *Como e porque sou romancista*, que data de 1873 e foi publicada postumamente em 1893, é considerada uma das precursoras da literatura memorialística no Brasil. Entretanto, é somente no final do século XIX que as obras autobiográficas passam a ter maior relevância, mas a produção ainda é pequena se comparada ao que virá depois. São desse período: *Minha formação*, de Joaquim Nabuco (1900) e *Minha vida de menina*, de Helena Morley escrito entre os anos de 1893 a 1895 (mas só foi publicado em 1942), que serviram para difundir o gênero.

Os discursos autobiográficos ainda são escassos nas primeiras décadas do século XX. É a partir da década de 1930, depois da Semana de Arte Moderna, que tal produção começa a se tornar mais regular. Desse período destaca-se o romance autobiográfico *Menino de engenho*, de José Lins do Rego (1932).

Na década de 1940, são publicadas as obras *Segredos da infância*, de Augusto Meyer e *Infância*, de Graciliano Ramos. Já em 1954 aparece *Um homem sem profissão:* sob as ordens de mamãe, de Oswald de Andrade, mesmo ano de *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira, e *História da minha infância*, de Gilberto Amado. Em 1956, é publicado o livro *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego.

1.1 **As memórias de Pedro Nava**

O escritor Pedro Nava destaca-se no gênero memorialístico. Num intervalo de pouco mais de uma década – 1972 a 1983 –, Pedro Nava publicou seis volumes de memórias: *Baú de ossos* (1972), *Balão cativo* (1973), *Chão de ferro* (1976), *Beira-mar* (1978), *Galo-das-trevas* (1981), *O círio perfeito* (1983), e deixou trinta e seis páginas de *Cera das almas*, volume que daria continuidade à série.

Sua narrativa transita entre “o passado vivido por ele e o passado de pessoas que ele nem conheceu, construindo suas histórias com a ajuda de lembranças ouvidas, lembranças inventadas e alguns documentos” (FIGUEIREDO, 2013, p.49). Nava iniciou a escrita de suas memórias em 1968, após ter se aposentado da profissão de médico, exercida durante mais de trinta anos. Reuniu documentos e objetos deixados, principalmente, pela família materna e

construiu sua obra, mesclando autobiografia, memória e ficção.

Uma vez que nosso objeto de estudo é a narrativa memorialística, destacaremos as definições de dois estudiosos da obra de Pedro Nava: Wander Melo Miranda e Davi Arrigucci Jr. O primeiro estabelece uma distinção clara entre *memória* e *autobiografia*:

> … a distinção entre memorialismo e autobiografia pode ser buscada no fato de que o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, o da história de uma personalidade, características essenciais da autobiografia. Nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados (MIRANDA, 1992, p.36).

Segundo o crítico, a memória é vista como uma "cosmo-representação" a partir da narração em primeira pessoa das experiências do *eu* em relação ao mundo. A focalização do *eu* amplia-se para a focalização dos que a ele se avizinham, alcançando "outros *eus* que com ele interagiram, mas também a um determinado contexto histórico-geográfico, que pode ser objeto de maior ou menor atenção" (MIRANDA, 1992, p.37).

Já para Davi Arrigucci Jr, a memória está sempre ligada ao conceito de falta, pois as lembranças equivalem sempre a uma totalidade impossível de reconstituir-se, dado o seu caráter de mera *semelhança* com a realidade passada:

> …ao tentar recriar o passado, seja pela reconstrução documentada da memória voluntária, ou por esse método de presentificação tão aleatório da memória involuntária, o memorialista tem que lidar sempre com o que falta: tanto na reconstituição irrealizável de um todo único, quanto no fragmento imantado pelo conteúdo da experiência, que dá vida ao símbolo, mas não pode evitar que seja apenas uma semelhança fugidia de uma totalidade perdida (ARRIGUCCI JR., 1987, p.87).

A partir dessas observações pode-se constatar que o texto memorialístico é uma tentativa perene de busca de um *eu* perdido em um tempo retornável. Ao relembrar suas experiências passadas, o memorialista parte em busca de um tempo que já sabe estar perdido, pois é condicionado ao que foi retido pela memória, às imagens que ficaram na lembrança. O memorialista tenta fazer ressurgir uma vivência que só resiste através das ruínas do passado – sejam ruínas materiais ou imagéticas –, resgatando-as pela memória e eternizando-a por meio da escrita. O valor dessas ruínas demonstra o objetivo do memorialista:

> O memorialista não ama a ruína pela ruína, mas nela ama o resíduo de uma promessa de felicidade que havia ou que ele julgava haver na construção. Ele é uma

> espécie de colecionador de ruínas que nelas reconhece ao mesmo tempo o horror do escombro e a glória do vestígio (BUENO, 1997, p.45).

1.2 A memória individual e a memória coletiva

Para entendermos melhor os mecanismos da memória, recorreremos aos conceitos de dois estudiosos sobre o assunto: Henri Bergson e Maurice Halbwalchs. O primeiro, em seu livro *Matéria e Memória*, afirma que a memória seria "o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas" (BERGSON, 2010, p.70). Para ele, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores, aquela que se adquire pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Graças a ela, sabemos "de cor" os movimentos que exigem, por exemplo, o escrever, o dirigir um automóvel, etc., hábitos que fazem parte do nosso "adestramento" cultural (BERGSON, 2010, p.78).

De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. Essa *imagem-lembrança* traz à tona da consciência um momento único, não repetido da vida, o que dá o caráter não mecânico, mas evocativo do seu aparecimento por via da memória. Tais lembranças teriam data certa, referindo-se a uma situação definida, individualizada; já a memória-hábito teria se incorporado às práticas do dia a dia.

Para Bergson, a lembrança é também a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria "a imagem presente nos sonhos e nos devaneios. A memória, então, não necessitaria da intervenção de quadros condicionantes de teor social ou cultural" (BERGSON, 2010, p.37).

Maurice Halbwachs fez parte de uma importante geração de intelectuais que procurava desenvolver uma ciência aplicada para resolver os problemas sociais. Ele não estudou a apenas a memória, mas os "quadros sociais da memória". Então, assim como a memória, os sonhos também deveriam ser compreendidos a partir dos quadros sociais constituídos. As imagens presentes em sonhos seriam imagens coletivas desconexas porque, à medida que os indivíduos dormem, eles não são capazes de organizar as imagens da mesma forma que o fazem quando estão acordados e em meio ao grupo social.

Em seu livro *A memória coletiva*, Halbwachs faz uma crítica ao subjetivismo

bergsoniano, quando afirma que a dor ao ser experimentada e compreendida por várias pessoas, nos dá a impressão de que podemos descarregar o seu peso sobre os outros e que eles nos ajudam a suportá-la, o que não seria possível se a impressão fosse puramente pessoal e única:

> O trágico da dor, que faz com que, levada até um certo ponto, crie em nós um sentimento desesperado de angústia e de impotência, é que sobre um mal cuja causa está naquelas regiões de nós mesmos onde confundimos com a dor e que a dor não pode destruir a si mesma. É por este motivo que procuramos instintivamente e encontramos uma explicação para esse sofrimento que seja inteligível, quer dizer, com a qual os membros de um grupo possam concordar, da mesma maneira que o feiticeiro alivia o paciente fazendo parecer extrair de seu corpo uma pedra, uma velha ossada, um preguinho, ou um líquido. Ou despojamos o sofrimento de seu mistério, nele descobrindo suas outras faces, aquelas que envolvem outras consciências, uma vez que imaginamos que ela foi e pode ser experimentada por nossos semelhantes: nós a relegamos assim para o domínio comum a muitos seres e lhe restituímos uma fisionomia coletiva e familiar (HALBWACHS, 2004, p.104-105).

Em 1939, Halbwachs escreveu um ensaio sobre a memória coletiva de músicos, afirmando que estes só conseguem lembrar e reproduzir partituras musicais porque eles carregam consigo padrões adquiridos socialmente que permitem decodificar tempos e ritmos das melodias. Segundo o autor, “uma parte das lembranças que os músicos têm dos sons, e que os possibilita identificar, decifrar e executar músicas, conserva-se em uma memória coletiva que está presente em um sistema de signos fixado no tempo e espaço social” (HALBWACHS, 2004, p.176).

A teoria da memória de Halbwachs estabelece que indivíduos utilizam imagens do passado enquanto membros de grupos sociais, e usam convenções sociais que não são completamente criadas por eles. Indivíduos não recordam sozinhos, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar segurança:

> Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. [...] É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 2004, p.29-30).

Para Halbwachs, a memória de um indivíduo depende do seu relacionamento com a Família, com a Classe Social, com a Escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os

grupos de convívio e os grupos de referência desse indivíduo. A memória está ligada à memória do grupo e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva da sociedade.

O estudioso André Botelho ressalta, no prefácio de *Baú de ossos*, o caráter coletivo das memórias de Pedro Nava:

> As memórias de Pedro Nava se revelam instigantes, entre outros motivos, porque sendo *suas* as memórias, elas também podem ser, em parte, as *nossas* memórias, seus leitores de ontem e de hoje. Ao narrar as suas histórias e as dos seus, Pedro Nava entrelaça de tal modo os fios que o ligam à vida brasileira que fica difícil estabelecer exatamente onde acaba esta e começam aquelas (BOTELHO, As Memórias de Pedro Nava: autorretrato e interpretação do Brasil, 2012, p.12).

1.3 **Pedro Nava e a memória involuntária**

Pedro Nava não contou somente com as suas próprias lembranças do passado, mas também com as de seus parentes e amigos: "Para recompor os quadros de minha família paterna, tenho o que ouvi de minha avó, de meus tios-avós Itríclio e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas" (NAVA, BO, p.64).

No quarto volume das *Memórias*, o avô de Pedro Nava estava de mudança para o Ceará e resolveu se desfazer dos "seus guardados e passava o dia distribuindo objetos" (NAVA, 2003, p.15). O memorialista decidiu então guardar esses objetos, que mais tarde o auxiliaram no resgate da memória: "sem esse arquivo eu não teria podido completar a história de minha família materna e seria impossível o *Baú de ossos*" (NAVA, 2003, p.16).

Segundo Joaquim Alves de Aguiar, o escritor Marcel Proust, que Nava leu e por quem se dizia influenciado, foi "mestre na transposição das memórias voluntárias e involuntárias para a obra literária" (AGUIAR, 1998, p.21). A memória voluntária seria a recordação provocada e a involuntária, a aleatória, repentina. Alguns objetos e até mesmo os sentidos (gosto, cheiro e tato) aguçariam a memória involuntária. Em *Baú de ossos*, Nava elege a batida de sua avó Nanoca como a sua madeleine:

> Se a batida do Ceará é uma rapadura diferente, a batida de minha avó Nanoca é para mim coisa à parte e funciona no meu sistema de paladar e evocação, talqualmente a madeleine da *tante* Léonie. Cheiro de mato, ar de chuva, ranger de lenha dos fogões, gosto d'água de moringa nova – todos têm a sua madeleine. Só que ninguém a tinha explicado como Proust – desarmando implacavelmente, peça por peça, a mecânica lancinante desse processo mental. Posso comer qualquer doce, na simplicidade do

> ato e de espírito imóvel. A batida não. A batida é viagem no tempo (NAVA, 2012, p.57-58).

Para Maria do Carmo Savietto, ao mesmo tempo que Nava enaltece a batida da avó, o narrador "declara o significado e a importância que essa bebida representa para a recuperação do seu passado, mas particularmente a infância" (SAVIETTO, 2002, p.125), uma vez que lhe atribui um caráter mágico ao associá-la à lâmpada de Aladin: "Para mim, roçar os dentes num pedaço de batida é como esfregar a lâmpada de Aladim – abrir os batentes do maravilhoso" (NAVA, BO, p.58). É o que também se dá com o personagem-narrador de *Em busca do tempo perdido*, que revive as experiências da infância ao mergulhar um biscoito na xícara de chá, explicitando o funcionamento da memória involuntária, em Proust.

O mesmo acontece com a corrente de relógio do pai herdada pelo menino Pedro Nava: ao revê-la, as lembranças do autor emergem e o remetem a um passado que liga o presente a uma sensação experimentada anteriormente:

> ... uma das coisas que mais me impressionaram até hoje e que funcionou como uma *madeleine* de Proust para mim, foi uma corrente de relógio que o meu pai tinha e me foi dada quando eu era menino. (…) Mas esta corrente eu perdi de vista, me esqueci completamente dela até que um dia, já aqui no Rio, minha mãe me apareceu com ela. Disse: 'Esta corrente era sua'. Aí eu lembrei completamente destes fatos todos. Essa corrente me prendeu, me ligou ao passado de uma maneira que eu mesmo não poderia imaginar (PEDRO NAVA, em entrevista a Aparecida Santilli, 1982).

Segundo Eneida Maria de Souza, a lembrança dos acontecimentos passados se processa não só por meio da utilização de documentos deixados pela família ou guardados e pesquisados pelo autor, mas ainda pelo trabalho de revitalização emotiva e sensorial de Pedro Nava: "os sentidos são postos a serviço de um reencontro virtual com o passado, que se atualiza de maneira fragmentária, pela captação do que resta pelo odor, o olfato ou a audição de momentos e instantes vividos" (SOUZA, 2005, p.20).

Para o próprio memorialista, os dois mecanismos da memória se conjugam na recuperação do passado: o da memória involuntária, pela qual o passado surge de forma repentina e absoluta; e o da memória voluntária, que se esforça por reconstituir todos os pormenores do vivido em outras épocas. A união das lembranças renascidas pelas *madeleines* e o material reunido por Nava serviram de ponto de partida para a recriação do passado.

O material deixado pelo autor está hoje reunido na Fundação Casa de Rui Barbosa. Ao termos contato com esse material, percebemos que o trabalho de elaboração da

escrita de Pedro Nava revela-se bastante minucioso. Seu processo criativo é composto de três momentos: o primeiro, organizado em fichas, contém pedaços de papel ou folhas soltas com anotações, além de recortes de jornal, reproduções de obras artísticas, cartões postais e desenhos ilustrativos de perfis dos familiares e amigos; o segundo momento, denominado pelo autor de *boneco*, é constituído de roteiros dos capítulos a serem escritos, ilustrações, croquis, mapas, questionários enviados aos colegas de geração e recortes de artigos referentes às personagens retratadas pelo escritor.

Na terceira fase, o texto datilografado tem como suporte uma folha dupla de papel almaço de duas faces: a da esquerda é reservada ao texto batido à máquina e a da direita é reservada aos acréscimos e nela também são anexados recortes de textos e desenhos assinados por Nava. A escrita da memória, portanto, se faz pela articulação entre grafia e desenho.

Enquanto Proust, a quem Pedro Nava é frequentemente comparado, firma o uso preferencial da memória involuntária, o memorialista mineiro recorre a ambos os recursos: unindo as memórias construídas através dos documentos herdados da família materna e as memórias surgidas de forma repentina com as *"madeleines"*, Nava elabora o seu projeto literário, constituído de seis volumes das memórias, além de poemas e artigos sobre medicina.

2 O MENINO QUE FUI

Só quero reencontrar o menino que fui…

Pedro Nava, Baú de ossos

Esse desejo expresso por Pedro Nava em suas memórias confirma o que dizem muitos estudiosos de escritos autobiográficos, quando enfatizam que a infância é sempre um aporte de lembranças no processo de reconstituição autobiográfica e memorialista. Desse período, os autores selecionam as lembranças e as reinterpretam à luz do presente. Elaboram , então, a autoimagem pela qual desejam ser reconhecidos. De certa maneira, esse procedimento torna possível ao leitor compreender o narrador, observando como ele se constitui subjetivamente em seu processo memorialístico.

Nessa perspectiva, compreender como Pedro Nava dá sentido à infância em suas narrativas, principalmente em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, possibilita a reflexão que permite discussões relevantes sobre o projeto literário do autor, uma vez que as obras evidenciam o ser que, embora não seja mais criança, o foi um dia e sobre tal etapa reflete, na velhice; que, não mais vivendo a sua infância, enquanto escreve a revive através de suas lembranças para representá-las na narrativa, em sua escrita de si.

A estudiosa Sylvia Molloy afirma em *Vale o escrito* que “a autobiografia é sempre uma re-presentação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa” (MOLLOY, 2014, p.19). Nesse sentido, é comum observarmos, nos relatos autobiográficos, a presença recorrente de elementos comuns que acabam por constituir o que a estudiosa chama de “retórica da autobiografia”. Dentre tais elementos, destacam-se, entre outros: a primeira lembrança, a elaboração do romance familiar, a fabulação da linhagem, a encenação do espaço autobiográfico, a cena de leitura, entre outros.

Analisaremos, portanto, como Pedro Nava utilizou-se desses elementos para elaborar suas autofigurações. Através das genealogias, o autor apresenta o seu romance familiar e as cidades, onde viveu importantes etapas de sua infância, representam os lugares da formação intelectual.

2.1 **A família**

O uso da memória coletiva por Pedro Nava, além de denotar um recurso do autor para fortalecer sua memória individual, resulta na elaboração de microbiografias de seus familiares e amigos. O primeiro volume das memórias, *Baú de ossos*, publicado em 1972, é dedicado, em grande parte, à história da família do memorialista. São 265 páginas – até o seu nascimento – nas quais Nava delineia os ramos das famílias paterna e materna, buscando as suas origens. Para o memorialista, não bastava apenas escrever as impressões sobre a família; era necessário também explorar documentos, informações obtidas por meio de certidões, cartas, móveis, casas, edifícios, fotografias, livros, artigos de jornais e mapas. Todo esse material, somado às histórias familiares transmitidas através das gerações, ajudou na construção das memórias de Pedro Nava. Em *Baú de ossos*, o autor destaca a importância da memória da família:

> A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética (NAVA, BO, p.39). .

Pedro Nava constitui-se como aquele que deve resgatar o passado da família para que esse passado não caia no esquecimento. Ao assumir tal papel, justifica seu interesse pela genealogia, e recuperá-la significa recuperar o passado e dele extrair aquilo que há de atemporal nas famílias. A razão dada para tal interesse está na busca de autoconhecimento, de identidade, já que pela genealogia se pode conhecer aquilo que ficou das gerações anteriores e foi desembocar nele próprio.

No processo de (re)construção de seus parentes, logo se vê aparecer as figuras importantes da família. Nas primeiras páginas, o memorialista apresenta seus pais e avós:

> Foram meus pais o médico cearense dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira d. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a sinhá Pequena. Aquele, filho do negociante maranhense Pedro da Silva Nava e da cearense d. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava. Esta, do major da Briosa Joaquim José Nogueira Jaguaribe, também cearense, e da mineira da gema d. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe (NAVA, BO, p.39).

Pedro Nava deixa claro que a família teve enorme influência na sua formação. A família que, nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, constituía-se de "doutores, políticos, intelectuais, comerciantes, aventureiros, senhoras donas de casa mandonas e enfezadas, ou suaves e porcelanescas", cujas origens ligam-se "a raízes de clã no Nordeste, em terra carioca, antes de aflorar em Minas como produto do entrelaçamento de famílias que são forças em movimento no Brasil do século XIX" (ANDRADE, 2012, p.12).

A família do pai de Nava, que tem origem no Ceará e no Maranhão, formada por profissionais liberais intelectualizados, é considerada pelo escritor como doce e boa; enquanto os membros do lado de sua mãe são predominantemente tachados de cruéis e interesseiros:

> Jamais ouvi maledicência veiculada por meus pais e meus tios, como nunca ouvi palavras azedas de disputa na minha gente paterna. A conversa geral era cheia de preferências pelas ideias, pelas coisas e causas nobres, pelos assuntos intelectuais – estes, versados simplesmente, como moeda de todo dia. Nenhum desses grandes ledores que eram meu Pai, tio Salles, tio Júlio, minhas tias Alice e Candoca se permitiam pedantismo ou brilho. Cultivavam a modéstia, a discrição, a compostura e a ausência da ostentação. Tudo neles, mesmo o banal e o corriqueiro, jamais descia ao vulgar (NAVA, BO, 2012, p.387).

Entretanto, é inegável o orgulho que sente por pertencer a uma família tão antiga e tradicional. Tal sentimento mostra-se evidente quando trata mais detalhadamente da vida de algum parente, enfatizando como este participou, de forma decisiva, da história dos lugares por onde passou e até mesmo da história do país. O estudioso Joaquim Alves de Aguiar afirma, em *Espaços da memória*, que

Pedro Nava, "mobilizado pelo sentimento de superioridade da linhagem a que pertence, tinge de cores épicas um tecido familiar urdido e tramado pelo comum da prosa" (AGUIAR, 1998, p.27).

É clara a recepção pelo memorialista da herança familiar paterna e a recusa dos princípios que guiavam os modos de vida de seus parentes maternos. Entretanto, a presença de alguns "bons" atributos também na família materna nos faz perceber sua apropriação de valores, comportamentos e atitudes que integravam a vida dos dois ramos familiares: o materno (na linhagem dos parentes ligados aos Jaguaribe) e o paterno. Desse modo, para o escritor, foram bem-vindos da família da mãe (como também da família do pai) o "brio", o "amor-próprio", a "compostura", a "seriedade", a "solidariedade, a modéstia, a afabilidade, a alegria, a doçura e o espírito revolucionário", ao passo que ele nega, na mesma proporção em que recebe as virtudes, o que considera maldito na família materna e que está ligado à avó Maria Luísa: o "orgulho, a vaidade, a arrogância, a severidade", a "presunção", a "secura", a

“carranca”, a “tirania” e a “opressão dos aristocráticos Horta e Pinto Coelho”. A este respeito, o estudioso André Botelho ressalta, no prefácio de *Balão cativo*:

> Aqui vale observar o contraste na convivência da família nuclear de Pedro Nava com, de um lado, seus parentes paternos no Rio de Janeiro, idealizada como um verdadeiro idílio no último capítulo de *Baú de ossos*; e, de outro, com a família materna em Juiz de Fora, marcada por relações extremamente autoritárias, excessivas e violentas, especialmente por parte da avó Inhá Luísa, de quem o narrador não parece ter merecido senão a indiferença (BOTELHO, 2012, p.19).

Tendo em vista as diferentes características das famílias materna e paterna, analisaremos a seguir alguns desses parentes e o modo como o memorialista interpreta a influência deles recebida, especialmente em sua infância.

2.1.1 O pai

Da união das duas famílias nasceram também os desencontros. Embate de elites e confrontos de ideias marcaram a vida do menino Nava e não foram poucos os que presenciou entre o pai, jovem médico, intelectual, originário da burguesia do norte, cearense, republicano e abolicionista; e a avó materna de Pedro Nava, mulher vivida, enriquecida pelo casamento com o engenheiro alemão, proprietária de escravos, mãe de Diva, agora esposa do Dr. José Pedro:

> Descendente de uma família citadina, filho de um comerciante liberal, meu Pai assim que conheceu a sogra rural, escravocrata, dominadora e violenta, tomou-lhe horror. Protestou logo contra a pancadaria a palmatória e marmeleiro a que Inhá Luísa submetia as numerosas crias que tinha dentro de casa e achou ruim esse *Ersatz* da escravidão […] Meu pai não concordava, falava, protestava e em pouco estava incompatível com a sogra (NAVA, BO, p.292-293).

Nem só desses embates constituíram-se as lembranças de Pedro Nava junto ao pai. Ainda que frequentemente ocupado com o trabalho, o pai aparece como uma figura presente nos primeiros anos do menino. São narrados muitos passeios e visitas a amigos, em que o pai o vestia como ele:

> Da base do 142 ou do 179 da rua Direita, era frequente que eu saísse com meu Pai,

> para visitar seus amigos. Ele gostava de me mostrar ora de chapéu de palha e bengalinha; ora, para indignação de minha Mãe, com um terno igual ao dele, corrente de relógio atravessando o colete; ora vestido de mata-mosquito, de boné e dólmã cinzento igual aos da brigada da Diretoria de Higiene (NAVA, BO, p.313).

O memorialista descreve o pai com orgulho: "Lembro-me do seu jeitão, curvo e sentado nesse canto, desunhando seus livros e preparando-se para os dois concursos que venceu muito pouco tempo antes de morrer" (NAVA, BO, p.406). Percebemos que as tendências letradas de José estiveram presentes nas recordações do filho. O pai lia e escrevia todos os dias, provavelmente depois do trabalho como médico durante o dia. Não se tratava de uma leitura descompromissada, para relaxar e descansar, mas de ler e escrever para "desunhar os livros", para estudar para concursos regularmente, com disciplina e sacrifício. O estudo, aliado aos bons resultados obtidos nas provas que garantiram a conquista dos cargos que desejava, pode ter propiciado um lugar bastante positivo para as práticas de leitura e escrita de Pedro Nava, que a tudo ia acompanhando. Desse modo, o uso dos livros, para o menino que assiste às práticas letradas do pai, foi ganhando sentidos que se relacionam com o sucesso. Assim, Pedro Nava não herdou do pai somente a vocação para a Medicina, mas também o seu capital cultural, o gosto pela leitura e pela escrita.

O Dr. José Nava, que sofria de asma, morreu jovem, deixou quatro filhos e a esposa grávida. Pedro Nava, o primogênito, tinha oito anos na época.

A prematura morte do pai ocasiona uma lacuna na estrutura familiar, que, mais tarde, será suprida pela figura do tio Antonio Salles, marido da irmã de José Nava.

2.1.2 Tio Salles

Quando Tio Salles entrou na família já possuía um livro de versos publicado, o que o consagrou para a família Nava como um intelectual. Ele frequentou com José Nava uma sociedade cearense de letras – a Padaria Espiritual –, que segundo Pedro Nava, "só encontra símile no movimento que sairia, trinta anos depois, da Semana de Arte Moderna" (NAVA, BO p.110).

A estudiosa Monique Le Moing afirma, na biografia *A solidão povoada*, que "Pedro Nava vive anos fabulosos, estimulado, feliz e cercado de afeição, graças a esse tio acolhedor e aberto" (LE MOING, 1996, p.41). A benéfica influência exercida por esse tio é

comentada pela biógrafa do memorialista:

> Pedro Nava lhe dedicava verdadeiro culto e lhe atribuía virtudes de escritor que estava longe de possuir. A influência dele sobre as leituras de Pedro menino e adolescente foi muito forte. Foi um amigo fiel até a morte. É ele que, na companhia da tia Alice, fez as vezes de tutor de Pedro depois da morte de seu pai (LE MOING, 1996, p.159).

O cotidiano de Antonio Salles parecia mesmo ser organizado pela escrita. Suas atividades diárias e sua participação em movimentos políticos ligavam-se ao exercício e ao domínio de habilidades letradas. Livros e jornais eram suportes em que publicava os seus textos, os quais não visavam apenas aos objetivos de sociabilidade literária. Sua escrita atrelava-se também ao jogo político, à sátira, à crítica social:

> Quanto a Antônio Salles, esse já veio para a Padaria com uma tradição de rebelde. Abolicionista de ação. Autor de manifestações de desacato ao conde d'Eu. Um dos proclamadores da República no Ceará […]. No fim do século passado, ele define a classe a que pertencia como a dos "proletários intelectuais" e, pela mesma ocasião, mostra-se fortemente simpatizante do movimento, no artigo "Socialismo no Brasil", que escreveu a propósito do aparecimento de *A Nação* – primeira folha socialista impressa no Rio de Janeiro. Seu romance *Aves de arribação*, antes de ser bela história regionalista, é a sátira social que o põe na mesma posição de Anatole France (NAVA, BO, p.121-122).

A escrita do tio, na perspectiva de Pedro Nava, mostrava também um pouco de seu temperamento e de seus posicionamentos, contraventores para a época. Autor de desacatos a homens nobres, a escrita era útil a esse "proletário intelectual". Apesar de ferramenta com fins bastante objetivos, como se pode observar no trecho citado anteriormente, sua sátira social, para o sobrinho que o admirava, estaria no mesmo patamar dos textos de um escritor da literatura universal.

Estando intimamente ligada aos livros, a figura de tio Salles é responsável pela apresentação dos primeiros heróis ao menino: "… tio Salles e tia Alice tinham chegado do Ceará. Ia ser tempo de figura em livro e de uma história saindo em cada estampa. Foi quando conheci Napoleão Bonaparte, Dom Quixote e Sancho Pança" (NAVA, BO, p.366). Além de ser admirado como poeta, tio Salles era adorado pelos sobrinhos por sua criatividade e imaginação. Nava ressalta, em *Balão cativo*, que aprendeu a criar personagens com seu tio, na época em que moravam na pensão no Rio de Janeiro. O menino divertia-se com as histórias que o tio criava sobre a vida dos hóspedes.

Os anos em que Pedro Nava conviveu com seus tios no Rio de Janeiro foram, sem dúvida, muito marcantes para o menino. Antônio Salles, sempre que ia visitar seus amigos poetas, levava o sobrinho em sua companhia, mas nenhum lugar deslumbrou tanto o menino quanto a Livraria Garnier. Nela, conheceu escritores como João do Rio, Coelho Neto, Lima Barreto e Olavo Bilac. Nessas "excursões", Nava também visitou a redação da *Revista D. Quixote* e o Primeiro Salão dos Humoristas, onde estavam presentes os reis da caricatura, em 1916. Esses passeios fascinavam a criança, que, com olhar deslumbrado, observava as belezas da cidade do Rio de Janeiro: "Devo a meu tio e a estes passeios o amor que nutro pelas casas velhas do Rio antigo" (NAVA, BC, p.265).

As lembranças da infância afloram à medida que o memorialista, já sexagenário, relê o livro que ganhou de presente do tio, uma tradução inglesa dos contos de Hans Andersen:

> O papel do meu livrinho está todo amarelo de ser lido há cinquenta e seis anos; o couro de sua capa gasto e feio; seus dourados desmerecidos e embaçados. Seu cheiro é de mofo e coisa velha. Mas basta que eu comece sua releitura para senti-lo novo em folha, claras páginas, iluminuras resplandescentes, dorso reluzente. E logo um sangue menino circula em minhas veias e readquiro ouvidos para ouvir realmente o grito da fada para disíaca. Come with me, come with me. Vou. Subo tempo afora deslastreando o passado, alestado do presente. Entro, para ficar. Para ficar na infância-estrela, para sempre na estrela – in that bright sparkling star, for ever! Ai! De mim que estou subindo apenas num balão cativo, ai! Cativo! de que a roldana vai puxar o cabo e fazê-lo voltar inexoravelmente ao chão! (NAVA, BC, p.257-258).

Podemos afirmar que o livro ativa a memória involuntária que busca a imagem do tio e dos momentos felizes vividos ao seu lado: "Saudade dessas idas à cidade com tio Salles..." (NAVA, BC, p.270). O tio que, por algum tempo, supriu a ausência do pai e de quem Nava se tornou discípulo e admirador.

2.1.3 A mãe

A mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, apelidada de Sinhá Pequena, era a mais nova de quatro irmãs. Foi uma mulher muito importante para Pedro Nava, que nutria por ela admiração e respeito.

A imagem da mãe não ganha muito destaque em *Baú de ossos*, no qual ganham

relevo se destacam as figuras do pai, do tio Salles e da avó materna. Entretanto, após a morte de José Nava, D. Diva ganha mais espaço na lembrança do filho: "… minha Mãe, uma das mulheres mais inteligentes que conheci" (NAVA, BO, p.203).

Com a viuvez precoce, D. Diva percebe que precisa arranjar-se como ancoradouro financeiro, emocional e familiar. Sem dúvida, uma das passagens mais marcantes de *Baú de ossos* é aquela em que Nava descreve a mãe com seus filhos, após o enterro do pai, de volta à casa de Inhá Luísa:

> Cedo madrugamos no dia da viagem e saímos do Rio Comprido em dois tílburis carregados de malas, das tias, de nós, do Lafaiete e do Heitor Modesto. À hora de levantar, ainda escuro, ouvimos pela última vez o apito da fábrica e ao seu silvo lancinante minha Mãe começou a chorar – entendendo pela primeira vez aquele apelo prolongado que a chamava para sua vida de operária dos filhos, de proletária da família. Logo enxugou as lágrimas e tocou pra frente. Enterrou ali mesmo sua existência de *sinhá-Pequena* para iniciar a sua luta áspera da *dona-Diva* (NAVA, BO, 2012, p.430).

D. Diva é retratada como uma mulher incomum para a época: contida na dor, mas evidentemente ousada nas atitudes. Incorporando esse papel, ela é descrita por Nava como um verdadeiro ancoradouro para a família. A partir da viuvez, D. Diva busca cada vez mais se impor na tradicionalista sociedade mineira. Sua luta para criar os filhos intensificou-se com a mudança para Belo Horizonte, onde a ausência da proteção de Inhá Luísa significava, ao mesmo tempo, mais liberdade e mais dificuldades. D. Diva inicia, então, uma dura jornada de trabalho e dedicação, conforme Nava resume:

> Além disso, ela, como um Robinson Crusoé dentro da ilha deserta de sua viuvez, começou a mostrar seu gênio de improvisação e a fantástica capacidade de ganhar e economizar que foram sua constante até morrer. Sempre, do pouco que obtinha, sobrava um mínimo que ela geralmente empregava em ajudar os mais pobres. Até ser funcionária pública, ela, seguindo as pegadas de outra viúva heróica de Juiz de Fora, a d.Maria Antônia Penido Burnier, fez um pouco de tudo para ganhar dinheiro. Mandava vender sorvetes, doces, rendas, trabalhos de agulha, papéis recortados para enfeitar prateleiras de armário. Costurava, fazia crochê e tricô. Mais tarde aprendeu datilografia e ganhava copiando e ensinando a escrever à máquina [..]. Foi agente de seguros e deu-se à indústria da fabricação de um sabão líquido chamado Aseptol, fórmula de meu tio Meton de Alencar. Assim nos criou, assim nos educou. Quando morreu, apesar de ter sido prejudicada na herança de sua mãe e depois na de seu pai – ainda legou aos filhos uma casa em Belo Horizonte e um apartamento no Rio, tudo solancado com o suor de seu rosto. A cada neto, uma caderneta da Caixa Econômica, idem (NAVA, BC, p.73).

A mãe é engrandecida nas palavras do memorialista, o que pode ser justificado

pela ausência precoce da figura paterna. Além de provedora financeira, ela passa a ser a condutora do núcleo familiar.

Depois da mudança para Belo Horizonte, D. Diva resolve deixar a companhia do major e se muda com a família para uma casa. Tal mudança significaria para ela a transformação de um passado de submissão para um presente de desafios. Entretanto, ela era, em 1914, alguém que sofria discriminação por levar uma vida mais dura e difícil do que aquela que experimentara ao lado do marido médico ou no seu tempo de "Sinhá Pequena" em Juiz de Fora. Percebendo, na perspectiva do filho, as violências silenciosas que advinham do preconceito, no lugar de fraquejar e de se submeter às exclusões, D. Diva não aceitou as ações de um mundo social já bastante demarcado em Belo Horizonte. Um exemplo é o episódio da matrícula de Pedro Nava no Colégio Anglo-Mineiro. Preocupada com o futuro do filho, com a escolha do estabelecimento escolar, Diva procura D. Mariquinhas a fim de se aconselhar com "pessoa de confiança" a respeito de matricular o filho Pedro no Colégio Anglo. Tendo sido desaconselhada pela "amiga" a matricular o menino na instituição, a mãe, acompanhada de Pedro Nava, sai da casa de D.Mariquinhas:

> Saímos da visita meio enfiados e fomos andando pelo passeio. Na esquina, quem aparece? O próprio marido da d.Mariquinhas, o dr. Lourenço Baeta Neves, com aquele sorriso franco e jovial e aquele jeitão que eu classificaria mais tarde como o de um tipo que ficasse equidistante do Carlito e de Oswaldo Cruz. Por aqui? d.Diva. E vindo lá de casa? Que pena eu não ter chegado mais cedo. Não vê? fui longe da cidade, dos lados do Cruzeiro, ao Ginásio Anglo-Mineiro. É. Fui matricular o Cecinho e o Roberto. Ah! a Mariquinhas fizera questão... Estou voltando entusiasmado com o colégio e com o diretor. […] Mas o que ela bispou imediatamente é que a d.Mariquinhas, na sua posição de esposa de engenheiro ilustre, estava indignada de ver a amiga viúva e pobretona pretender educar seus filhos sudros nas mesmas condições dos pequenos brâmanes dela, Mariquinhas. Minha Mãe chorando de raiva tomou o bonde Cruzeiro, recém-inaugurado para servir ao novo colégio, foi recebida pelo secretário-tesoureiro, mr.Rose, pediu os estatutos, as instruções para o enxoval e matriculou-me imediatamente (NAVA, BC, p.152).

Esse episódio marca, na narrativa de Pedro Nava, um recurso do autor para exaltar a dimensão da personalidade da mãe. É a primeira vez que D. Diva sente, bem de perto, a separação social, e não será a última vez. Nesse momento, percebemos a intenção do autor em de se mostrar, aos 11 anos, como um pobre e ingênuo órfão. A atitude de D.Mariquinhas, traduz em *Balão cativo* a maneira como Pedro Nava deseja ser reconhecido, como o menino que se vê separado dos outros meninos da mesma faixa etária por um critério social. No episódio em questão, fica ainda mais nítida a perspectiva do autor, situado no presente e (re)construindo o seu passado.

De Sinha Pequena, que vivia na fazenda sem trabalhar, em um casarão característico do século XIX, a, depois de casada, Diva Mariana, que gostava de frequentar as lojas mais requintadas do Rio de Janeiro, ao ficar viúva, Diva se tornou uma mulher que precisava criar cinco filhos sozinha. As circunstâncias a transformaram em mulher forte, lutadora e de extrema importância para a formação do memorialista.

2.1.4 A avó materna

Em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, a figura da avó materna se destaca nas lembranças da infância de Pedro Nava. Entretanto, se o memorialista nunca pode esquecer as cenas que marcaram a presença autoritária da avó, também não permitiu ao leitor de suas memórias esquecer aquela que "levava vida heroica em Juiz de Fora" (NAVA, BC, p.45).

A avó de Nava, Inhá Luísa, surge nas memórias como portadora de personalidade dupla, "duas consistências, que nem cambucá: casca grossa, miolo doce" (NAVA, BC, p.55), pois ela é representada não somente distribuindo castigos do seu "trono de balanço", mas também demonstrando atitude "delicada e charmosa para os que lhe caíam no gosto" (NAVA, BC, p.55).

A análise de Inhá Luísa, pelas memórias de Pedro Nava, revela algo que determina sua personalidade ambígua de sua avó materna: ela é esposa, mãe e competente chefe do clã. Os cadernos deixados por ela revelam que, apesar de seu autoritarismo, possuía suas qualidades:

> Parece que minha avó era bastante inteligente e que tinha uma instrução bem acima da das mulheres de seu tempo. Gostava de música e suas filhas todas tinham sido instruídas no *dó-ré-mi-fá-sol* pelo alemão Gustavo Reich. […] Além de música, minha avó gostava de poesia. Deixou cadernos e mais cadernos, um mundo de álbuns, onde copiava o que lhe agradava. Poesia brasileira, portuguesa e francesa (NAVA, *Bc*, 2012, p.41).

> Inhá Luísa tinha uma autoridade imanente, uma imposição natural e uma majestade espontânea que me fascinavam (NAVA, *Bc*, 2012, p.45-46).

Diante da duplicidade de caráter de que o memorialista reveste Inhá Luísa, podemos notar a admiração do neto pela avó ("delicada e charmosa", "inteligente"). A sua

suposta grandiosidade e o poder que ela exerceria sobre muitas pessoas na Juiz de Fora de fins do século XIX e princípios do século XX podem ser verificados, já de início, nas denominações que ela recebeu ao longo da vida: “Minha avó materna, menina, era Inhazinha. Esta Inhazinha virou Inhá Luísa, depois Sinhá, Maria Luísa da Cunha, Dona Maria Luísa da Cunha Halfeld e d. Maria Luísa da Cunha Jaguaribe” (NAVA, BO, 2012, p.147). Mas as denominações de Maria Luísa que prevaleceram para o neto: foram “Inhá Luísa” e “Sinhá”, que, nas memórias, ligam-se à intransigência e agressividade da avó:

> Pois ela olhou para mim com aquele sorriso esquisito, de selo de correio, e eu bobo já ia rir também quando senti, ao seu silêncio e à demora de seu olhar, que ela não estava se rindo para mim não, ria de mim, ria mesmo mais longe, isto é, através de mim, ria do genro detestado e defunto… Me encolhi (assim falava Mário de Andrade), me encolhi como ameba em meio ácido. Ali mesmo dos meus oito anos contei, pesei e medi a Inhá Luísa. Logo valorizei a surra que ela tinha dado, de vara, na Deolinda. Certo pontapé que tentara mandar no meu mano José, o que não conseguiu porque ele foi safo e ela, perdendo o equilíbrio, foi de bunda no chão, redondo, sinhá. Bem feito. Larguei de andar atrás de suas saias e de acompanhá-la na exploração do tempo de suas gavetas mágicas (NAVA, BC, p.53).

No período em que Pedro Nava morou na chácara da avó materna, após a morte de seu pai, o menino costumava seguir a avó pela chácara, “sem que ela se dignasse olhar o acompanhante”; ele ia sorrateiramente, “pelo faro, como os cachorros” (NAVA, *BC*, p.46), observando o cuidado e atenção que ela dedicava às plantas e árvores:

> Era sempre pela manhã que minha avó o abria e ia tratar das suas árvores de fruta, podá-las, arrancar-lhes as parasitas, livrá-las dos bichos, da erva-de-passarinho, dos fios-de-ovos do cipó-chumbo. […] Arrancava aqui um ramo seco, desfolhava ali, sacudia mais adiante, colhia e ia pondo o que apanhava na saia de cima, dobrada como embornal. Eu trotinava atrás (NAVA, BC, p.49).

Neste mesmo trecho, é possível verificar o desprezo com que a avó tratava o menino, em uma passagem bastante marcante nas memórias da infância de Pedro Nava:

> Comia das suas frutas, sem me oferecer. Minto; deu-me, uma vez, para provar, um caroço de manga já chupado, quente e babujado por ela. Foi engulhado que aproveitei esse único gesto amável que conheci de minha avó materna (NAVA, BC, p.49).

Quando Maria Luísa adoece e morre em seguida, deixa em Pedro Nava a lembrança da avó severa, porém admirada por sua linhagem:

> Não morri jamais de amor por minha avó. Mas sei quando ela coça dentro do meu corpo e quando nele pesa. Pedra. E agradeço o que dela me veio da ancestralidade, que tanto prezo. Por ela é que subo nos troncos de mineiro, de paulista, de ilhéu, lusíada e galego que misturo aos outros sangues cristãos e latinos que me chegaram do setentrião (NAVA, BC, p.107).

Com a morte da avó, Pedro Nava e a família deixam a chácara em Juiz de Fora e mudam-se para Belo Horizonte, iniciando assim uma nova etapa da vida do menino. O convívio com "a tradicional família mineira" e o ingresso no Colégio Anglo-Mineiro marcarão esse período.

2.1.5 Tia Joaninha

Ecléa Bosi pontua, em *Memória e sociedade*, o papel dos idosos na família, ao destacar que o velho é a memória da família e da sociedade; ele tem o poder de tornar presentes os que não mais ali estão, mas que permanecem visíveis nos hábitos, nos costumes, nos valores demonstrados. Saber a história da família, como ela surgiu, o que se passou na formação, dá à criança a possibilidade de identificação com os membros do grupo e fortalece o sentimento de pertencimento:

> A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1994, p.73).

No caso de Pedro Nava, uma das pessoas responsáveis pela guarda da memória da família é a Tia Joaninha. Percebendo o interesse do menino pela história dos familiares, ela incentiva-o, mostrando-lhe retratos, objetos e papéis que pertenceram aos seus antepassados. Pedro Nava conservou os presentes dados pela tia durante toda sua vida: "Um lençol que tenho embrulhado no papel em que me chegou – um lençol feito de algodão – plantado, colhido, fiado e tecido por sua avó, mãe de tia Joana e minha tataravó Pereira" (NAVA, BC, p.130).

A história da família preservada pelos mais velhos, através desses documentos e objetos, alimentou Pedro Nava na composição das suas memórias. A ocupação com os

guardados, com a preservação da memória, cuja lembrança evoca para contar e reviver, é que funda sua narrativa e abre espaço para o memorialista.

2.2 **As escravas**

Maurice Halbwachs pontua que o convívio das crianças com os criados resulta em impressões profundas acerca do momento histórico vivido. Diferentemente dos familiares, os criados relatam os acontecimentos com simplicidade e sem reservas.

Mesmo depois da abolição da escravatura, as senhoras de Minas continuaram a manter em casa "negrinhas e mulatinhas sem pai e sem mãe" (NAVA, BO, p.292), suas "crias", suas empregadas. Todas elas, "quando necessário", recebiam sua dose de maus tratos, até mesmo com bolos de palmatória: "Em casa de minha avó materna funcionava o sistema. Ela era mesmo tida como grande disciplinadora de negrinhas…" (NAVA, BO, 2012, p.293).

Das criadas de Maria Luísa, o memorialista recompõe as lembranças que ficaram no menino que guardou boas lembranças de Rosa, Justina e Lúcia, personagens que exemplificam bem o período pós-escravocrata brasileiro.

2.2.1 Rosa

Rosa de Lima Benta, uma das "crias" de Maria Luísa, foi entregue à "Sinhá" porque seu pai, negro de Bom Jesus, matara e cumpria pena (NAVA, BO, p.272). Tal procedimento era comum na época, já que muitos ex-escravos, não tendo como sustentar suas famílias, entregavam os filhos aos "cuidados" de famílias brancas.

Nava não fornece maiores detalhes sobre a origem de Rosa, mas deixa entrever uma vida marcada pela violência: "Tinha na face direita uma cicatriz que imitava exatamente a forma de uma estrela de cinco pontas. Fora um berne que, depois da ferida, o queloide transformara naquele asteroide cintilante e claro no negro céu da pele escura (NAVA, BO, p.272).

Rosa é apresentada, em *Baú de ossos*, como a companhia do menino Pedro nos períodos em que ele permaneceu na casa da avó materna. É dela que ele guarda "o maior

número de recordações confusas" de sua "mais recuada infância" (NAVA, BO, p.293). Pela frequência com que Nava relata sua convivência com a criada, é possível perceber que era ela a encarregada das crianças da chácara. De Rosa, por exemplo, eram as "brincadeiras de moleque", como roubar frutas no pomar, pular enxurradas, assustar os que passavam na rua. E, mais ainda, Rosa era a contadora das histórias que influenciaram a infância de Pedro Nava:

> Rosa sabia, ouvidas não sei de quem, todas as histórias de Andersen, Perrault e dos irmãos Grimm. Devo a ela as da Sereia Menina, do Rouxinol, do Patinho Feio e dos Cines Bravos… Do Gato de Botas, do Barba Azul e do Chapeuzinho Vermelho... Da Borralheira, do Pequeno Polegar e da Branca de Neve... Todas as noites, na hora de deitar… Rosa! Agora a Pele de Burro. Agora a Bela e a Fera. E vinham as histórias (NAVA, BO, p.272-273).

Rosa está associada a elementos que compõem o espaço infantil de Pedro Nava, pois, além de transmissora de histórias maravilhosas, ela é fonte de recordação dos passeios, à tarde, pelas ruas de Juiz de Fora, das balas – "bonequinhos de açúcar cheios de licor" (NAVA, BO, p.293) – e das orações repetidas antes de dormir:

> Caindo de sono, eu era levado pela Rosa, que, antes que acabassem de baixar as cortinas noturnas, me fazia repetir a mais linda oração que conheço. Muito mais bonita que tudo que aprendi, na matriz, com o vigário e as beatas do Apostolado da Oração (NAVA, BO, p.294).

O segundo volume das memórias de Pedro Nava, *Balão cativo*, inicia-se com o retorno do menino Pedro, com sua mãe e irmãos, à casa da avó materna, após a morte de seu pai, José Nava. Logo nas primeiras páginas, o memorialista afirma que, nessa etapa de sua vida, que ele denomina "o lado noruega" da sua infância, as suas "verdadeiras companhias" eram as "negrinhas e mulatas" (NAVA, BC, p.27). A figura de Rosa aparece novamente nas memórias: "Já falei da Rosa, já disse do que lhe fiquei devendo como apresentação do maravilhoso através de suas histórias, de tudo que ela trazia retido na sua prodigiosa memória de rapsoda, de cantora de gestas (NAVA, BC, p.27).

Em seu estudo sobre as autobiografias, a estudiosa Sylvia Molloy destaca que as mulheres "são apresentadas muitas vezes como poderosas (e úteis) contadoras de histórias" (MOLLOY, 2004, p.36). No caso de Nava, quem contava as histórias não eram as mulheres da família, suas parentes, mas sim Rosa, uma espécie de empregada da casa de sua avó materna.

As histórias de Rosa, ao mesmo tempo que familiarizavam Pedro Nava com o mundo dos contos de fadas e das histórias infantis, instigava o menino a construir sentido para os textos que ouvia. Na perspectiva do escritor, ele experimentava "de verdade" as histórias de Rosa porque as personagens do reino da fantasia viviam também em personagens da vida real: "Além de ouvir a onda de poesia das histórias de Rosa eu as vivia porque alguns personagens de suas sagas andavam envultados em conhecidas de Juiz de Fora" (NAVA, BO, p.273). As palavras de Rosa instauravam no menino um mundo da fantasia, para o qual se deslocavam os lugares e pessoas da "vida real":

> Nosso primo Antonico Horta, por exemplo, com suas ameaças de virar criança pelo avesso, era certamente um bruxo. […]
>
> Quando eu via juntos os dois Antonicos, rindo e galhofando, pasmava daquela hipocrisia. Já era cinismo, para dois primos que viviam em luta pela lâmpada maravilhosa. […]
>
> Gênio bom era o dr. Beauclair. Diziam que era médico e era mesmo, por sinal que médico de meu irmão Paulo. Instruído pelas histórias da Rosa, eu sabia, apesar de sua estatura, que ele era um dos sete anões da Branca de Neve (NAVA, BO, p.273-274).

A figura de Rosa perpetuou-se nas memórias de Pedro Nava através do mundo encantado que lhe foi apresentado na infância, como veremos mais à frente.

2.2.2 Justina e Lúcia

Além de Rosa, duas outras negras permaneceram na memória de Pedro Nava: Justina e Lúcia. Ambas eram cozinheiras na casa de Inhá Luísa, na condição de "criadas pagas".

Justina ficou marcada nas memórias do menino como uma "feiticeira", aquela que guardava "pós secretos" em saquinhos "entre as anáguas ou tafulhados entre as maminhas" (NAVA, BC, p.35). Ela faz parte do misterioso, do poder oculto, e a sua "cozinha mágica" era o cenário perfeito para esse papel:

> Diante do fogão ou da boca do forno de fora, a Justina parecia oficiar. Resmungava sílabas imperceptíveis, pigarreava – hum! hum! […] Espalhava esses temperos sobre o que preparava, com gestos do esconjuro, do encantamento, de passe, de imposição

> – o que sei é que sua comida era inigualável (NAVA, BC, p.35).

Além dos seus dotes culinários, Justina possuía conhecimento sobre as ervas e era frequentemente consultada pelas senhoras de Minas sobre "a natureza *quente* ou *fria* do que se ia comer" (NAVA, BC, p.35).

Reforçando o misticismo que envolvia a figura de Justina, Nava relaciona a morte de sua avó materna a um feitiço praticado pela negra, para vingar-se de um cruel castigo dado pela patroa. Procurada pela família, a negra não foi encontrada: "Mas cadê Justina? […] No quarto das negras ninguém, nem roupa, nem pano, nem trouxa da Justina. […] A demônia entrara mesmo no chão adentro. Nunca mais foi vista" (NAVA, BC, p.103).

Lúcia também era cozinheira na chácara; entretanto, o tratamento que a patroa lhe dispensava era diferente das outras criadas. Ela era uma mucama mais íntima, a quem eram concedidos privilégios de gente branca. Lúcia, por ser mulata, Inhá Luísa a fizera sua criada preferida:

> A Lúcia passara a protegida – até mesmo que a Inhá Luísa consentira que ela fizesse seu barracão de moradia no fundo da chácara, depois da ala das jabuticabeiras e dispondo das regalias de um portãozinho abrindo na rua de Santo Antônio. Era mulata airosa e alta, tinha o corpo de minha Mãe de quem, por isso, herdara as roupas postas de lado pelo uniforme de luto - e de tarde ia para a reza, na matriz, assim vestida de Aristides Lobo e de Sinhá Pequena (NAVA, BC, p.30).

Essas negras marcaram a infância do menino Pedro e ficaram em sua memória "pelos olhos, pelos ouvidos, pelo olfato, pelo tato, pelo gosto da comida, por todos os sentidos" (NAVA, BC, p.31). A lembrança das comidas, dos cheiros, dos ruídos das panelas, dos sons das cantigas – as negras eram obrigadas por Inhá Luísa a trabalhar cantando – colabora para revitalizar o sentimento de prazer proporcionado, naquele tempo remoto, por essas pessoas, que habitam "o melhor de sua infância" (NAVA, BC, p.28).

2.3 **As cidades da memória**

Em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, as descrições da geografia dos lugares em que Pedro Nava e seus parentes viveram, as informações que caracterizam essas cidades preparam

o leitor para o que será narrado sobre a família do memorialista. As viagens que têm como destino o Maranhão, o Ceará ou Rio de Janeiro, as cidades, as ruas, as casas desses lugares ganham, na maior parte das vezes, colorações leves e associações alegres, transmitidas pelos parentes por quem Nava nutria grande afeto. Em contrapartida, quando o assunto é destino do *Caminho Novo* e a infância do escritor em Juiz de Fora, o mapeamento da cidade, a descrição de sua geografia e de sua cultura tornam-se sombrios. Essas mudanças de tons ao narrar os aspectos das cidades, se devem aos momentos vividos pelo memorialista e as impressões que deseja revelar a respeito da sua infância.

As memórias da infância de Pedro Nava transitam por Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Nascido em Juiz de Fora, o menino vive os primeiros anos de vida na chácara da avó materna, para onde iam "a cada parto" da mãe. Dessas temporadas, Nava relembra as suas excursões, sozinho, pela chácara da avó: "Apesar de acabar sempre em pânico minhas excursões solitárias à chácara, não desistia e nela entrava todo dia" (NAVA, BC, p.54). Os passeios diários proporcionavam-lhe o contato com a natureza e lá podia observar atentamente o voo das aves e a "vida misteriosa" dos insetos, assim como brincar de índio: "Tirava a roupa, punha a tanga e cocar que tinha fabricado e guardava em moita de inhame. Passava a mão no arco e nas flechas inúteis – cadê coragem de matar um pássaro? – e ia me esgueirando com medo da Lúcia me apanhar nu, besta assim, em flagrante de índio" (NAVA, BC, p.55).

De Juiz de Fora, o memorialista também guardou as lembranças das viagens que fazia à Fazenda Santa Clara, quando ele, seu pai ou o irmão José ficavam doentes. Apesar de fazer referência às doenças (coqueluche, febre aftosa), Nava destaca a exuberância de sons e cores do lugar: "Meu Pai caracolava no seu cavalo. Corria, vinha, ia e voltava dentro do azul do dia e do ouro do céu. Na vibração prodigiosa de acordes e luzes, cada um tinha a impressão de estar preso numa caixa acústica […] com um raio de sol" (NAVA, BO, p.313).

O menino descobria a cidade de Juiz de Fora nos seus passeios de bicicleta. Passeios que, segundo André Botelho, "ampliam significativamente sua sensibilidade, conhecimento e impressão do 'mundo'" (BOTELHO, 2012, p.21). Como Pedro Nava diz em uma passagem de *Balão cativo*:

> O menino que ainda não sai de casa sozinho tem a impressão de que está no centro do mundo e que os outros vivem, como planetas, em torno de sua personalidade solar. Depois é que vê seu nada quando compara às galáxias que vislumbra. Minhas saídas no resto de bicicleta que me coube, minhas idas e vindas ao Machado Sobrinho, as longas explorações feitas durante as *gazetas* às aulas deram-me noção do universo de Juiz de Fora e da necessidade de explorá-lo (NAVA, BC, p.21).

Além dos passeios, o menino Pedro também gostava de observar os vizinhos, até mesmo dentro de casa, escondido no escritório do Major: “Mas para observar bem o povo de Juiz de Fora o bom era sentar no passeio, de tardinha, e ficar olho na rua e orelha no comentário dos grandes, à janela” (NAVA, BC, 2012, p.98).

Para André Botelho, os passeios foram importantes para o menino porque ampliaram o universo social da criança para além da casa da avó materna:

> Os passeios de bicicleta permitem ao menino Nava, assim, descobrir a cidade que existe além da família, da parentela, da vizinhança. E, mesmo que se trate apenas de uma “aventura” de criança, lhe permite também dar vazão ao exercício em todo complexo do reconhecimento, estranhamento, alteridade, que vão ampliando sua sensibilidade. […] Os passeios formam, portanto, um momento decisivo de inflexão crítica do centro privilegiado de interesse e atenção da narrativa mantido até então em torno da avó (BOTELHO, 2012, p.210).

Se Juiz de Fora marca a primeira infância de Nava, Belo Horizonte assinala uma nova fase, em que o círculo familiar dá lugar a convivência no internato. Pedro Nava se muda para Belo Horizonte aos dez anos de idade, após a morte da avó Inhá Luísa e o fechamento da chácara. Por iniciativa do avô Joaquim José Nogueira Jaguaribe, o Major, toda a família parte para a cidade recém-criada: “Íamos todos nos mudar para Belo Horizonte. Vida nova, tudo novo” (NAVA, BC, p.111).

Na epígrafe do capítulo 2 de *Balão cativo*, Pedro Nava cita o poema “Infância”, de Manuel Bandeira, fazendo analogia à sua própria vida, ao seu momento, à mudança para Belo Horizonte e às experiências vividas anteriormente:

> Com dez anos subi o nosso Caminho Novo, mudando para Belo Horizonte. Já tinha provado tudo que nasce do contato com o semelhante. Amizade, carinho, ódio, rancor, ciúme, rudimentos de amor. Experimentara proteção, ajuda, perseguição, desamparo e gelatina da indiferença. Fora preferido e escorraçado. Vedete e passado para trás. Sentira o arrocho dos círculos concêntricos do mundo e vira a Morte se intrometendo. Aprendera a carne, começando pela pornografia. Sabia chorar e dissimular. Conhecia, pois, a vida em suas verdades essenciais e estava pronto para a transida solidão da poesia. Vai, Pedro! Toma tua carga nas costas e segue (NAVA, BC, p.119).

Da infância em Belo Horizonte, Pedro Nava guardou a lembrança do convívio com os parentes mineiros, dos passeios pela cidade e, sobretudo, do período no Colégio Anglo Mineiro. Mais tarde, quando conclui os estudos no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, Nava

retorna a Belo Horizonte para cursar a Faculdade de Medicina. Os anos 1920 são o tema de *Beira mar*, o quarto volume das suas memórias, em que o memorialista relembra a amizade com Carlos Drummond de Andrade, Anibal Machado, Ciro dos Anjos e outros modernistas, que integravam o Grupo do Estrela, nome dado aos jovens que se reuniam no Café Estrela, na Rua Bahia, para atividades intelectuais.

Sem dúvida, a cidade do Rio de Janeiro exerceu profunda influência na formação do menino Pedro. A primeira etapa vivida por Pedro Nava nessa cidade aconteceu quando o seu pai farto das desavenças com a sogra, resolve mudar-se com a família para o Rio de Janeiro, instalando-se no bairro do Rio Comprido, onde permanecem até a sua morte. As lembranças do menino são marcadas pelas festas de São João e do Carnaval, além das visitas do Tio Ennes, uma espécie de irmão adotivo do avô paterno. Nava, de certa forma, também o adotou e elegeu-o como figura carismática, qualidade estendida para sua esposa Eugênia.

Essa fase da infância de Pedro Nava vivida no Rio de Janeiro, ainda na companhia do pai, foi um período do qual o memorialista relembra com muita saudade:

> Se, com a de meu Pai, guardo a ideia dos passeios pela avenida em flor e das idas à rua da Quitanda para ver o dr. Marinho (com os sorvetes e sessões cinematográficas delas decorrentes), associo minhas primeiras impressões das ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias e do largo de São Francisco a minha Mãe e as minhas tias Bibi e Marout, que eu acompanhava em suas expedições à *Raunier*, à *Colombo*, à *Salgado Zenha* e, na correria final, até o *Parc-Royal* (NAVA, BO, p.415).

Despedindo-se da infância, Pedro Nava deixa Belo Horizonte e retorna ao Rio de Janeiro, já aos treze anos, para estudar no internato do Colégio Pedro II: “volto àquela rua Haddock Lobo na sua eternidade. Saudade. […] De mim, na hora em que eu começava outra fase da vida nas ruas da que se destinava a ser minha cidade” (NAVA, BC, p.234).

Antes de ingressar no internato do Colégio Pedro II, Nava viveu com os tios Salles e Alice em uma pensão. Como vimos anteriormente, a figura de Tio Salles exerceu grande influência sobre o memorialista. Além de carinho e hospitalidade, Nava recebeu dos tios orientação social e política. Assistindo a debates em torno de assuntos, sobretudo, políticos, que ocorriam com frequência entre os amigos do tio, Nava, desde menino, ia compreendendo não somente o cenário brasileiro nos primeiros anos do século XX, mas também as estratégias que os interlocutores usavam para opor argumentos de seus adversários políticos .

Se Juiz de Fora e Belo Horizonte marcam a infância de Pedro Nava pelo difícil convívio com a família materna, o Rio de Janeiro se destaca nas lembranças do memorialista

pelos melhores momentos vividos ao lado do pai e dos tios Salles e Alice, além das experiências adquiridas no Colégio Pedro II.

3 O MENINO COM O LIVRO NA MÃO

> …um menino moreno, tímido, meio sonso que se esgueirava entre os grandes e gostava de ficar pelos cantos olhando tudo, ouvindo tudo, guardando tudo, tudo.
>
> *Pedro Nava, Balão Cativo*

No segundo capítulo, analisamos a importância da família na formação de Pedro Nava. Delineamos os perfis de alguns parentes, seus comportamentos e atitudes cotidianas, seja do ramo paterno, seja do ramo materno, e suas relações com o menino. Assim, pudemos verificar que o memorialista não escondeu sua predileção pela família paterna, da qual afirma ter herdado o amor pelos livros, pela literatura, pelas artes plásticas e pelo cinema, além de seus valores e princípios.

A leitura era um hábito constante entre os familiares de Pedro Nava. Ao longo da narrativa das suas memórias da infância, em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, período que compreende os primeiros treze anos da sua vida, o escritor relembra diversos momentos que nos remetem ao estudo de Sylvia Molloy sobre a cena recorrente nas autobiografias do "homem com o livro na mão". A chamada cena de leitura seria o "crucial encontro do sujeito com o livro", um momento que "confere sentido a toda a vida" (MOLLOY, 2003, p.33).

Além do hábito da leitura, a família de Pedro Nava também era adepta da contação de histórias, prática muito comum no período. Tanto em Minas Gerais, com os familiares maternos, quanto no Rio de Janeiro, com a família paterna, Nava ouvia muitas histórias, casos e até mesmo conversas que incluíam experiências pessoais, fatos da política nacional, mudanças na sociedade do país, assuntos do cotidiano de pessoas comuns, como eram os parentes de Nava. Assim, temas como a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a Revolta da Armada chegavam aos ouvidos do menino Pedro, não ainda pela leitura desses acontecimentos nos jornais ou em livros de História ou de Literatura, mas por meio da voz dos parentes, temperados com ingredientes próprios da oralidade.

Alguns membros da família de Pedro Nava se destacaram pela habilidade da escrita, como é o caso do Tio Salles, do lado paterno. Do lado materno, a avó Inhá Luísa possuía cadernos em que fazia anotações sobre a família e os negócios que administrava sozinha, com "mãos de ferro". Além disso, gostava de copiar poesias brasileiras, portuguesas e francesas que lhe agradavam.

O ambiente escolar também se destaca nas lembranças de Pedro Nava, principalmente por ser a primeira experiência longe da proteção familiar. O contato com as pessoas e a descoberta de um mundo além da sua casa ampliam a visão e despertam a curiosidade do menino observador.

3.1 **A cena de leitura**

Como vimos no capítulo anterior, Pedro Nava morou com os pais em casas onde o hábito da leitura era constante entre os parentes. No início de sua vida, no tempo em passou na casa da avó materna, o contato com material escrito não foi muito grande, mas contou com a presença do pai, médico, leitor de diversificados textos, homem que desde a juventude entregava-se à escrita. Ainda em Juiz de Fora, Nava já manuseava as revistas enviadas por suas tias a ele para folhear e recortar. No Rio de Janeiro, o contato com as culturas do escrito só se intensificou, pois, nessa cidade, além do pai, moravam outros parentes leitores, letrados.

A estudiosa Sylvia Molloy destaca que a cena de leitura, frequentemente, "se associa a um mentor, um professor real ou, mais genericamente, um guia para a leitura das crianças" (MOLLOY, 2003, p.35). No caso de Pedro Nava, sem dúvida, essa figura está relacionada ao seu tio Antonio Salles. Mesmo antes de conviverem no Rio de Janeiro, a presença do tio representava o contato com os livros: "tio Salles e tia Alice tinham chegado do Ceará. Ia ser tempo de figura em livro e de uma história saindo de cada estampa" (NAVA, BO, p.366). Nava relembra, com saudade, que foi o tio que o apresentou Napoleão Bonaparte, Dom Quixote e Sancho Pança.

Pedro Nava observava a rotina de leitura e escrita do tio, que passava horas criando poemas para a esposa: "Todas as manhãs ele sentava-se cedo a essa mesa e escrevia até as dez, onze horas. Riscava, corrigia, […] até engastar o fecho de ouro na ourivesaria difícil do soneto ou do poema" (NAVA, BO, p.367).

Mais tarde, quando muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a morar na casa de

pensão na companhia dos tios, Nava surpreende-se com a biblioteca de Antonio Salles: “Nunca eu tinha visto tanto livro como na biblioteca do meu tio” (NAVA, BC, 238). É nesse lugar, envolto em livros, que o menino dormia. O memorialista revela que, de vez em quando, um sonho traz de volta esses momentos: “Do impacto com eles é que deve ter ficado a substância de um sonho que às vezes me visita e inunda daquele contentamento fugaz cuja gratificação é o próprio material que provoca o despertar” (NAVA, BC, 238).

Outra figura da família paterna que inspirou o amor de Pedro Nava pelos livros foi a tia Cândida, irmã de seu pai. Viúva, dava aulas de piano no Colégio Sacré-Coeur, onde sua filha era interna. Pedro Nava gostava de admirá-la lendo romances: “Minha tia voltava do Sacré-Coeur pelas quatro horas e passava o resto do dia ao piano ou agarrada aos livros” (NAVA, BO, p.373). A mesma tia, que, indiretamente, exerce grande influência na aprovação do menino no exame de admissão do Colégio Pedro II: “Com que então o *m'nino* é Nava. O que vem a *sere*? da excelentíssima senhora d. Cândida Nava de Luna Freire, minha colega de magistério ao Sacré-Coeur? Ah! Sobrinho? pois muito bem, muito bem” (NAVA, BC, p.319).

Nava elegeu o quarto das outras tias paternas, Marout e Bibi, como a sua sala de leitura e levava para lá suas revistas. Delas saíram os personagens que marcaram a sua infância:

> Ali naquele quarto, viriam encontrar-se comigo e uns com os outros Napoleão, que me fora apresentado por tio Salles; Ali-Babá com sua caverna; Aladino com sua lâmpada; Simbá, o marujo, sempre chegando de uma de suas sete viagens prodigiosas; D.Quixote, Sancho e a Dulcineia; os personagens do *Tico-Tico*, da *Cabana do pai Tomás*, dos *Óvos de Páscoa* (NAVA, BO, 2012, p.405).

Sylvia Molloy afirma que a cena de leitura “não corresponde necessariamente ao primeiro livro lido na infância” e sim a uma experiência de leitura que “subitamente se destaca” sobre muitas outras (MOLLOY, 2003, p.34). Na pequena biblioteca do Colégio Anglo Mineiro, Pedro Nava teve acesso aos clássicos da literatura mundial: “O mundo foi se abrindo para meus onze anos e multidões passaram a desfilar diante de meus olhos” (NAVA, BC, p.182).

3.2 **Os colégios**

A escola representou um papel de grande importância para Pedro Nava. O ambiente escolar significou para o escritor o espaço em que toda a sua vida foi desenhada. Lá se deu, entre outros conhecimentos, a descoberta da Medicina como profissão futura; o acesso à Literatura; e o encontro com alguns colegas modernistas (AGUIAR, 1998, p.78). Além disso, as experiências escolares constituíram uma considerável fonte de lembranças que serviram de material para preencher muitas páginas de *Baú de ossos* e *Balão cativo*.

3.2.1 As primeiras escolas

Joaquim Alves de Aguiar dedica um capítulo de seu livro *Espaços da Memória* à escola e assim a define: "a escola é o espaço decisivo na formação dos indivíduos: ela lhes dá lições ao intelecto e lições de urbanidade também, graças ao convívio em grupo estranho ao familiar" (AGUIAR, 1998, p.77). O primeiro colégio que Pedro Nava frequentou é citado pelo memorialista como uma "espécie de catecismo-jardim da infância" sobre o qual não fornece nenhuma informação, apenas "a impressão de um tédio de fundo de poço" (NAVA, BO, 2012, p.301) que guardou na lembrança. Em seguida, o menino foi para o Colégio Andrès, que funcionava na residência da família em Juiz de Fora e era administrado pelas três filhas do dr. Andrès: Lilita, Malisa e Branca. Esta última foi professora de Pedro Nava: era muito bondosa e nunca castigou o menino por suas inúmeras travessuras, apesar de manter a palmatória no canto da sala, de forma simbólica.

No Colégio Andrès, Nava teve aulas de caligrafia, leitura, catecismo e aritmética. Dessas disciplinas, o memorialista destaca a caligrafia como o melhor aprendizado que obteve: "Mas o que realmente aproveitei do Colégio Andrès foi o gosto nunca perdido pela caligrafia" (NAVA, BO, 2012, p.303). E assim descreve o processo de aprendizagem:

> Aprendíamos a caligrafia dissecando as letras, como num estudo de anatomia descritiva. Parte por parte. Não se escrevia nunca, de saída, um M, um B ou um W. Para o N e o M primeiro fazia-se um pauzinho. Quando se estava perito no dito, ia-se para a curva da outra perna. Depois de páginas e páginas de treinamento, juntavam-se as duas partes do N, as três do M ou do W e só noutra etapa, o rabinho de porco do V, do W, do O. Finalmente ia-se às maiúsculas. Posteriormente vinham as sílabas, as palavras, as combinações de palavras (NAVA, BO, 2012, p.303).

Aguiar ressalta que, nessa passagem, fica bem clara a "mistura do adulto com a

criança", a memória de infância do homem maduro que escreve. Para criar a imagem dos exercícios de caligrafia, Nava utiliza seus conhecimentos de medicina ao descrever o método de alfabetização (AGUIAR, 1998, p.79).

O relato desse período é curto e um tanto impreciso, devido aos seus verdes anos. O autor, por exemplo, não recorda bem o porquê de sua saída do colégio, mas acredita que tenha sido em decorrência do atraso no pagamento das mensalidades. Nem por isso, no entanto, Nava guarda mágoas em relação às professoras que mantinham o colégio, pelo contrário: "Elas ficaram dentro de mim resguardadas pelas minhas primeiras impressões do colégio e pelas doces lembranças..." (NAVA, BC, 2012, p.74). Inclusive, o escritor revela que, durante sua vida, quando estava na cidade natal, procurava visitar o espaço que lhe trouxe a aprendizagem das primeiras letras e em que deu o primeiro passo para uma futura carreira de sucesso com as palavras: "ia visitar as professoras sempre que ia a Juiz de Fora e depois que elas morreram, ia passear a pé na rua de Santo Antônio só para passar diante do velho chalé" (NAVA, BC, 2012, p.74).

Na primeira temporada que viveu no Rio de Janeiro, Nava frequentou por pouco tempo o Colégio São José, na Rua Aristides Lobo, que era também a rua onde morava com a família, desde que o pai transferiu-se para a cidade em busca de um cargo público. Assim como na primeira experiência escolar, Nava não fornece maiores detalhes sobre o estabelecimento, apenas algumas observações a respeito do tratamento da professora com os alunos: "Toda vestida de seda negra […] levando a canalha a reguadas na bunda e cocorotes no quengo" (NAVA, BO, 2012, p.345). O pai logo o retirou da escola e permitiu que esperasse o próximo ano em casa.

3.2.2 Colégio Lucindo Filho

Com o retorno da família a Juiz de Fora, após a morte do pai, Pedro Nava foi matriculado no Colégio Lucindo Filho, onde recebeu toda a base de sua formação moral, cívica e cultural. Lá não encontrou a amabilidade das professoras do Colégio Andrés. Suas primeiras aulas foram com D. Alvina, mulher "seca e de antipatia solene", que lhe confiscava os selos – roubados da avó Inhá Luísa – e não poupava beliscões para castigá-lo: "Eram arrochos sabiamente prolongados e voluptuosamente bem torcidos" (NAVA, BC, 2012, p.77). Entretanto, um dos professores marcou a lembrança do escritor. Foi Antônio Vieira de Araújo

Sobrinho, o diretor do colégio:

> Fora jornalista no Rio, depois em Juiz de Fora, onde era ainda poeta militante, contabilista, onde se especializara em geografia e história universal comerciais, fazia conferências, escrevia um dicionário de revisores, um romance, um epitalâmio, uma epopeia, pertencia à Academia Mineira de Letras mas era principalmente um furioso cultor da pátria, das suas instituições e dos seus símbolos sagrados. Era, assim, um religioso do "brava gente", um devoto do hino à bandeira, um apaixonado do hino nacional e um fanático do "auriverde pendão de minha terra/que a brisa do Brasil beija e balança" (NAVA, BC, 2012, p.74).

Uma das lembranças do memorialista é a do diretor Machado Sobrinho lendo em voz alta: "Ele próprio, diretor, na sala de leitura e língua nacional era sublime, declamando a *Seleta em prosa e verso* e os *Contos pátrios* […] Seu Machado gostava de lê-la e sua voz ressoava cheia de nobreza na sala de aulas" (NAVA, BC, 2012, p.75). Por meio da memória auditiva, Nava evoca as sensações que guardava ao se lembrar da experiência de leitura no Colégio Lucindo Filho.

A evocação do lado sublime e nobre da aula declamada registra o início da formação da memória literária do menino Nava. O memorialista revela que, mais tarde, já adulto, procurava o livro desejado e sentia-se frustrado: "Jamais encontrei esse livro nos sebos, nunca pude reler sua prosa e versos esquecidos. Dentro dessa cinza brilha como brasa viva só a história do *Castelo de Faria* (NAVA, BC, 2012, p.75).

Entretanto, o menino sentia-se entendiado no Colégio Lucindo Filho e preferia vagar pelas ruas, em busca de novas descobertas. Desde o período em que viveu na casa da avó materna Inhá Luísa, Pedro Nava tinha por hábito explorar a chácara rumo a um universo desconhecido. A ideia de nação, apregoada pelo mestre Antonio Sobrinho, despertara novamente em Nava o interesse em conhecer a cidade, ampliando sua noção de espaço urbano:

> O colégio era de uma caceteação mortal, Quando estava demais, eu disfarçava, pedia para ir lá fora, volteava a casa, saía pelo portãozinho de cima e ia banzar para o jardim da matriz: ia escorregar nos gramados em rampa da igreja de São Sebastião; ia deslizar monte abaixo, sentando numa tábua, nos desbarrancamentos do plano inclinado que o Saint-Clair estava construindo no morro do Imperador; ia correr sozinho entre as árvores, as araras e os irerês do parque Halfeld. Ninguém no colégio dava por minha falta e aos poucos fui aperfeiçoando minhas fugas, descobrindo a técnica das gazetas. Explorava a cidade (NAVA, BC, 2012, p.79).

As fugas para explorar outros ambientes tornam-se constantes na vida de Pedro. Mais tarde, já no Colégio Anglo, em Belo Horizonte, Nava, acompanhado de um amigo, pulava o muro e ia tomar chá na casa do colega norte-americano, que morava ao lado da escola.

3.2.3 Colégio Anglo-Mineiro

No final de 1913, após a morte de Maria Luísa, o Major decide mudar-se com a família para Belo Horizonte. Começava, então, uma etapa importante na vida escolar de Pedro Nava. Esta época coincide com a instalação do Colégio Anglo em Belo Horizonte (1914), fato que causou grande repercussão na cidade e dividiu opiniões: uns consideravam o evento uma afronta, visto que a abordagem do colégio colocava o bem-estar corporal acima do espiritual. Para outros, a ideia soava como uma novidade fascinante a ser experimentada.

Como mencionamos no capítulo anterior, D. Diva, mãe de Pedro Nava, revela a D. Mariquinha a intenção de matricular os filhos no colégio novo. Entretanto, a amiga, dissimuladamente, tenta dissuadi-la da ideia. Tal atitude foi interpretada como uma forma de segregação, fazendo com que Diva se sentisse menosprezada: "a amiga viúva e pobretona pretender educar seus filhos sudros nas mesmas condições dos pequenos brâmanes dela" (NAVA, BC, 2012, p.152). Pedro Nava é, então, matriculado com orgulho pela mãe, ainda que a duras penas, no Colégio Anglo-Mineiro. Ela cuida de todos os detalhes de uniformes e materiais para que o estudante faça frente aos seus colegas da sociedade belorizontina, e é desde logo influenciada pela propaganda sobre o colégio:

> Minha mãe lia alto esse noticiário, orgulhosa como se eu já fosse *master of arts* como o Sadler, o Jones, o Cuthbert, o Goodburn e o Carlyon, que brilhavam com suas becas de Oxford e Cambridge entre os professores. Ah! desta vez a Mariquinhas tinha tomado mesmo na tarraqueta... (NAVA, BC, 2012, p.155).

Era a primeira experiência de Pedro Nava em regime de internato. Os 49200 metros quadrados, que ocupavam dois quarteirões, ofereciam espaço suficiente para as atividades físicas, ocupando bastante o dia a dia dos estudantes. Assim, natação, ginástica e futebol eram tão importantes quanto as disciplinas curriculares. Entretanto, para o menino essas aulas eram motivos de sofrimento. Apesar do esforço de D. Diva em organizar o enxoval do filho, a maioria das roupas era reaproveitada do pai, causando vexame e humilhação ao menino. Uma dessas tristes recordações foi quando entrou no campo de futebol usando um calção que "não passava de calças velhas encurtadas" (NAVA, BC, 2012, p.160) e recebeu uma sonora vaia dos colegas. Até o professor percebeu a angústia de Nava e

o dispensou da aula. Permitiram-lhe, assim, que voltasse seu interesse à leitura, contribuição importante do Colégio Anglo para a formação do escritor. Depois que o menino foi ridicularizado pelos amigos, Mr. Jones liberou-o dos jogos e lhe deu um livro: "À noite, um Jones desajeitado […] decidiu meu destino quando chegou-se à minha carteira e entregou-me o livrinho. Read it, Pedro, it's very, very beautiful" (NAVA, BC, 2012, p.161). O autor não apenas leu, mas guardou a pequena publicação e a tem em mãos no momento em que escreve as suas memórias.

O professor e vice-diretor Horace William Jones representou para Pedro Nava uma das melhores lembranças do Colégio Anglo, levando o memorialista, inclusive, a alçar o mestre à condição de amigo: "Conservo dois retratos do meu amigo" (NAVA, BC, 2012, p.189). É possível observar a doçura, a leveza e a alegria que Nava imprimiu nas páginas do capítulo "Serra do Curral", que contam a sua passagem pelo Colégio Anglo. Para descrever a figura engraçada do velho professor Jones, o autor utiliza as suas aptidões para a caricatura:

> Tinha a palavra fácil e o gesto desastrado. Calado, imóvel no estrado da *Whole Communion* ouvindo pontificar o nosso diretor – assim envolto na beca oxoniana, o nosso Jones era cheio de dignidade. Exprimindo-se em inglês ia... O movimento e a tradução polida e como que esculpida no marfim eram funestos. Acentuavam logo o cômico de sua careca dos bilhares. Mais, as maçãs salientes, o nariz arrebitado, de ponta fina, mas de vultuosas ventas móveis, suscetíveis, vibráteis e farejeiras como as dum cão de caça. Havia ainda a cortina de bigodeira arriada sobre o lábio superior, tal a que reapareceria anos depois, exornando as fachadas dos cômicos Chester Conklin e Ben Turpin (NAVA, BC, p.189).

Talvez o desconcerto de Jones tenha despertado em Pedro Nava a afeição ou até a simpatia pelo mestre, uma vez que sofriam o incômodo da diferença: Nava era motivo de piadas para os amigos por sua condição social e o mestre inglês, com sua didática peculiar, provocava boas gargalhadas nos alunos. O mestre chamava-lhes a atenção e isto desencadeava mais risos ainda: "Why are you screaming in such a panic? Se ele dissesse só em inglês, vá lá… O diabo é que ele traduzia para um português meio espanholado. Por que gritan ustedes? Por que están em tal *penico*? […] Rebolávamos de rir" (NAVA, BC, p. 188). Daí a quase compaixão do aluno pelo mestre:

> Que diabo? Tinha tirado esse universitário das brumas do Norte, que inadaptação? Jogara esse lonesome bachelor às agruras desta América do Sul e para o entrevero com os pequenos pícaros e canalhas dos colégios de Montevidéu e Belo Horizonte – cuja cabeça ele abria – penosamente! Para as possibilidades de Shakespeare, Milton, Byron, Tennyson, Shelley, Wilde, Defoe, Walter Scott, Dickens, Stevenson, Shaw, Kipling, Swift, Pope, Johnson, Calyle. Por todos eles, mr. Jones, pelos que eu fiquei conhecendo bem e pelos que conheço apenas pela rama – eu lhe sou extremamente

grato – very, very grateful (NAVA, BC, p.190).

Entretanto, o colégio que havia sido planejado para educar os filhos das "figuras importantíssimas" de Belo Horizonte apresentava problemas com relação à qualidade do ensino oferecido. Os alunos aprendiam muito bem o inglês, mas tinham poucas aulas de matérias básicas, como português, geografia, história e matemática. O memorialista desabafa que, por ter havido lacunas na formação escolar do Anglo, foi necessária uma preparação intensiva com Tio Salles e Tio Ennes para garantir a admissão no Colégio Pedro II mais a frente.

No final do ano letivo de 1915, com apenas dois anos de existência, o Colégio Anglo-Mineiro encerrou suas atividades: "Mas o colégio estava chegando ao fim. Grande foi a decepção de minha Mãe e do meu tio Meton de Alencar quando receberam carta do Sadler informando que o Anglo encerraria suas portas…" (NAVA, BC, p.224-225).

3.2.4 Colégio Pedro II

Com o início do período letivo seguinte, Nava volta ao Rio de Janeiro para continuar seus estudos, conforme registro de seu tio Antonio Salles: "29 de fevereiro de 1916 – Pedro veio para a nossa companhia. Foi o dia em que despenquei Caminho Novo abaixo para me matricular no internato do Colégio Pedro II" (NAVA, BC, p.229).

Para compor as memórias desse período, Nava avança vinte anos e recorda o encontro dos ex-alunos do Colégio Pedro II na comemoração de seu centenário, em 4 de dezembro de 1937: "eu tinha encontro marcado na esquina da Cinelândia, em frente ao Cinema Odeon. Três e meia da tarde. Com a maior pontualidade e dando gargalhadas de menino, ali nos reunimos Prudente de Moraes, neto, Afonso Arinos de Melo Franco e eu" (NAVA, BC, p.323).

A passagem pelo internato carioca é permeada por digressões que o autor não consegue (e não se esforça para) evitar. A memória involuntária e as necessidades do momento da escrita interrompem, frequentemente, o desenrolar da ação, fazendo com que surjam camadas de narrativas e exemplificando a alinearidade presente nas memórias de Pedro Nava e que faz parte, de um modo geral, das obras memorialísticas. No ir e vir da lembrança, o fluxo da memória não tem o controle esperado. Os assuntos e seus interesses

específicos se sobrepõem ao fio da narração e superam a ordem do relato. Em determinados momentos, o narrador se dá conta de que foi longe demais por um atalho e precisa retomar o caminho principal, como, por exemplo, nesta passagem: “Como fui longe… Cheguei a 1918 e tenho de voltar atrás para entrar no internato do Colégio Pedro II” (NAVA, BC, 2012, p.318). Voltando o relato para o ano em que entrou no Pedro II, o memorialista escreve: “Lá está no livro de notas de meu tio Antônio Salles: 4 de abril de 1916 – Pedro entrou para o internato do Colégio Pedro II” (NAVA, BC, p.320).

Com o objetivo de compensar as falhas deixadas pela educação do Colégio Anglo, Pedro Nava precisou se esforçar muito para ser aprovado nos exames do Pedro II. Para isso, contou com a preparação intensiva que seus tios lhe concederam:

> Tio Salles encarregou-se do vernáculo e me esfocinhava todas as tardes na *Antologia* de Fausto Barreto e Carlos de Laet. De noite era o Modesto com a geografia, a corografia, a Guerra de Trinta Anos e as capitanias hereditárias. De madrugada eu me mandava para a casa de Ennes de Souza que me esfregava em aritmética num quadro-negro que havia no seu escritório, no porão habitável da rua Major Ávila, 16, em frente ao Santo Afonso” (NAVA, BC, p.318).

Aprovado, Nava, por interferência de um senador, amigo de seu tio Modesto, entra para o Colégio Pedro II como aluno gratuito. Essa condição fazia com que o menino se sentisse diminuído junto aos colegas: “Roupa do colégio, roupa não minha, roupa de aluno gratuito. Eu ligava erradamente ideias de culpa e dívida a essa instrução não remunerada pela minha família e que eu tinha a impressão de estar roubando, pior, filando” (NAVA, BC, p.345). Assim foram os primeiros dias de Pedro Nava no internato: após ser submetido a um trote humilhante e receber uma suspensão da saída no sábado pelo professor Goston, o menino sofre e chora, chegando até mesmo a pensar em suicídio.

Passadas as primeiras angústias, inerentes ao processo de adaptação ao novo ambiente, Nava começa a dar os primeiros passos dentro do universo do internato. Logo aprendeu elementos básicos para a convivência com os outros, como a hierarquia e a diversidade. Os calouros não tinham vez e deviam resignação aos veteranos. Graças às aulas de inglês do Colégio Anglo, Nava passou a ser protegido por Bello, aluno do terceiro ano, às custas das traduções que deveria fazer para o colega. Entretanto, muda de atitude e passa a enfrentar quem o importunasse:

> Quando voltamos ao estudo recusei, seco, traduzir para o Bello e medi-o de cara a cara; respondi a um sorriso do Andréa com outro, dando de quebra uma boa banana; olhei, corajosamente, para prender logo tudo […]. Pus meu pé no seu território – pé

> de pedra, marco de posse. Descobrira a América, as Ilhas, O Brasil. Descobrira o Colégio" (NAVA, BC, 2012, p.348)

Quando Nava ingressa no Colégio Pedro II, onde "passaria cinco anos decisivos de sua vida" (BUENO, 1998, p.87), deixa para trás a infância e a família. É a primeira ruptura real do seio familiar. Apesar de ter passado dois anos como interno no Colégio Anglo, a separação da família não se fez por completo, pois Nava estava na mesma cidade e podia receber visitas. No Rio de Janeiro, aos treze anos, longe da mãe e dos irmãos, ouve do tio Heitor Modesto a orientação: "Não se esqueça o de volta deste caminho que fizemos porque de hoje em diante vai ter de se safar sozinho neste Rio de Janeiro" (NAVA, BC, 2012, p.335). Segundo Aguiar, "trata-se, simbolicamente, de cortar o cordão umbilical, ou melhor, de marcar a separação do indivíduo da sua placenta familiar, entregando-o diretamente ao mundo" (AGUIAR, 1998, p.89). Ou seja, a mudança para o Rio de Janeiro e o ingresso como interno do Colégio Pedro II confirmam-se como um "rito de passagem: o menino salta da esfera familiar para a esfera pública, enquanto passa da infância para a adolescência" (AGUIAR, 1998, p.90).

A passagem para a fase da adolescência torna-se bem clara nas páginas de *Balão cativo* quando o escritor aborda a sexualidade. Até então adormecida, devido à natural imaturidade, o tema da sexualidade aparece em profusão nas lembranças do Colégio Pedro II. Palavrões, masturbações e leituras pornográficas eram práticas comuns entre os internos. Entretanto, Aguiar ressalta que Pedro Nava não fala de suas experiências, esquiva-se, "preferindo, aqui e ali, discorrer sobre os alunos em geral, ou, mais decididamente, deslocar o assunto, lançando mão de um longo discurso em defesa da pornografia na literatura (AGUIAR, 1998, p.91).

O relato das atividades e na vida no Colégio Pedro II, embora apontada em Balão cativo, só vai ocorrer no volume seguinte: Chão de ferro. O autor encerra o segundo volume de suas memórias com a promessa: "Segunda-feira. Sabia-se que nessa data mágica todos os alunos teriam chegado e que os professores estariam a postos para o começo das aulas. Era o banquete anunciado por tio Salles […] Eram as aulas, as aulas, as aulas…" (NAVA, BC, p.400).

4 AS AUTOFIGURAÇÕES DE PEDRO NAVA

> Eu tinha seis para sete anos, mas nascera com o dom de observar e guardar…
>
> *Pedro Nava, Baú de ossos*

Em *Baú de ossos* e *Balão cativo*, há inúmeras citações de leituras feitas pelo autor, que embasam o texto memorialístico, dando a impressão de que os autores escolhidos pelo narrador deixaram nele a confirmação da autoridade tradicional: "quando li *O primo Basílio*" (NAVA, BO, p.271), "quando li *As minas de Salomão*" (NAVA, BO, p.272). O autor arma-se de leituras indispensáveis para se conduzir e confessa o nível intertextual de sua obra: "Esse portão prateado, eu o abro com as mesmas chaves da memória que serviram ao nosso Machado, a Gérard de Nerval, a Chateaubriand, a Baudelaire, a Proust" (NAVA, BO, p.339). Declarando-se leitor de cânone, o memorialista evidencia o seu desejo de mostrar-se competente, criando uma autoimagem de exímio leitor e intelectual.

Na obra de Pedro Nava é possível observar que o escritor não consegue escapar da redundância de fórmulas comuns à autobiografia, tais como: a cena do nascimento, a primeira lembrança, o romance familiar, a formação escolar, os primeiros sinais de vocação profissional, elementos que contribuem para uma autofiguração.

Segundo Sylvia Molloy, a autofiguração é o ponto inicial para o desenvolvimento da autobiografia, uma vez que "o passado é recriado para satisfazer as exigências do presente: as exigências da própria imagem, da imagem que, supostamente, os outros esperam" (MOLLOY, 2003, p.240) do autobiógrafo. A decisão de Pedro Nava de escrever as suas memórias em um período da maturidade ou no início de sua velhice também faz parte de um *lugar-comum* pertinente ao memorialismo ou, mais amplamente, à autobiografia. É o homem velho que numa "aposentadoria forçada" decide contar, por deleite, para ocupar o tempo e acertar as contas com o passado, sua experiência de vida.

4.1 A autofiguração da família

Nas memórias de Pedro Nava, é comum nos depararmos com passagens do texto em que o memorialista dá uma pausa na narrativa para explicar os mecanismos da memória e se explicar como narrador. Nava reflete sobre o fazer literário e define o memorialista como aquele que ficcionaliza a matéria rememorada:

> Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança? Onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo – argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora […] só há dignidade na recriação. O resto é relatório… (NAVA, BC, p.349).

Entretanto, para atribuir valor documental às suas memórias, Pedro Nava cerca-se de fotografias, cartas, objetos de familiares, além dos questionários enviados aos amigos, como garantia de pesquisa histórica para o seu relato. Procurou evitar, desse modo, imprecisões a respeito de datas, de locais e das singularidades de eventos que fizeram parte da nossa história (política, social ou cultural). O "eu" é visto por esse artifício através do grupo, e momentos particulares tornam-se exemplares, adquirindo intensidade justamente "por seu cunho de generalidade. Assim o narrador imprime força ao relato, na medida em que assegura ao mesmo tempo o encanto particular do pitoresco e a exemplaridade das situações" (CANDIDO, 1981, p.62-63).

Sylvia Molloy afirma que o autobiógrafo no momento de classificar sua obra, "prefere evitar a ambiguidade. Em benefício de seus leitores e de sua própria autoestima, coloca-a dentro dos limites, mais respeitáveis, da história" (MOLLOY, 2003, p.225). Para garantir que a memória da família seja eternizada, Pedro Nava toma para si a figura do "lembrador", aquele que "relembra, rumina o passado, embeleza e escreve" (MOLLOY, 2003, p.24). A genealogia é, então, transformada em romance familiar, servindo para narrar as histórias das suas famílias, mas também para expor, de modo indireto, o "eu".

Não faltam às memórias de Pedro Nava uma apologia das origens ou retratos benevolentes de parentes construídos a partir de boatos, histórias, folclores, que engrandecem os personagens. Esses recursos são perceptíveis nos retratos de parentes, especialmente, do lado da família paterna. Assim como a origem milanesa dos Nava, que remonta ao século XII, vai tingir de nobreza a história familiar.

No entanto, o narrador fornece inúmeras informações precisas sobre a sua família, suas origens, que o leitor se vê obrigado a reconhecer, convencido pelo narrador, a história do povo em geral. É como se o narrador dissesse ao leitor que a imagem do espelho em que ele se reconhece, é também a sua. Assim, a genealogia, que pode ser vista como uma retórica da prosa autobiográfica, transforma-se em romance familiar, nas memórias de Pedro Nava.

O material reunido pelo autor e utilizado para auxiliá-lo na escrita, forma um quadro para reconstituir a sua vida de menino. Além de muitas referências às conversas com os mais velhos, documentos e objetos dados por eles, existe o apego à tradição. A sua história encadeia-se a outras histórias ouvidas ou lidas durante a infância e o autor recorre a elas constantemente para validar o seu texto. O seu método de trabalho se constitui da seguinte forma: em primeiro lugar, elabora um esboço do capítulo a partir de uma lembrança pessoal: "Eu tenho de fazer primeiro o esqueleto, […] De modo que eu escrevo um sumário, ou boneco, ou esqueleto e procuro, entre as minhas notas, aquelas que se adéquam ao esqueleto e aos detalhes que estou escrevendo" (NAVA, Entrevista a Edmilson Caminha, 1995). Separa e escolhe uma série de informações de seu arquivo.

Neste procedimento acumulam-se algumas práticas: a do médico, que escreve artigos científicos e constrói um raciocínio lógico baseado em hipóteses a serem checadas e a do memorialista, que coleciona fragmentos do passado, sejam materiais ou não, que serão examinados. A imaginação entra aqui como peça fundamental, auxiliando a experiência pessoal, entrando na narrativa "como se tivesse acontecido". Nesse sentido, tanto a lembrança individual quanto aquela construída a partir da imaginação equivalem-se, pois dão a entender que esta história e não outra é importante para a compreensão de si. Intencionalmente vinculada, a narrativa ficcionalizada é representativa do que se quis revelar.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito a forma como Nava trata o passado coletivo. Ao lado da memória voluntária, do querer lembrar individual, somam-se uma quantidade variável de informações a respeito de uma infinidade de temas. A imaginação mistura esses elementos heterogêneos conseguidos de fontes desiguais e auxilia na construção de um sentido para a narrativa: querer lembrar o passado confunde-se com imaginá-lo. Não se pode afirmar, portanto, qual dos procedimentos é o mais ou o menos importante na construção do enredo. Há a fusão de elementos biográficos com outros de ordem coletiva e social. Todos concorrendo para a construção da autofiguração de Pedro Nava.

A cena do narrador arrebatado pela ação da memória involuntária é frequentemente citada como uma das características estilísticas mais marcante ou o momento em que Nava mais se expõe. Entretanto, o que a primeira vista para alguns parece marca

estilística ou, para outros, exposição franca é muito mais discurso baseado em elementos de uma rede de discursos já fixados sobre a "ação da memória involuntária". O que não retiram, evidentemente, o efeito da fórmula utilizada pelo escritor.

Desse modo, a utilização de tais recursos não significa que Nava tenha vivenciado uma situação determinada. Significa que para o memorialista um dos modos possíveis de lembrar do passado passa pelas marcas discursivas do romance. Portanto, é impossível, nessa perspectiva dizer que ela foi "de fato" uma experiência vivida por Nava.

Se foi Proust quem deu forma literária original à sensação experimentada pela ação da memória involuntária, em Nava, é um detalhe selecionado e analisado dentre os demais, como já foi dito mais acima. Isso acontece porque ele investiga o passado de modo exaustivo, principalmente, através dos mecanismos da memória voluntária. É sob a ação de uma vontade que partes do passado são recuperadas. Então, para Pedro Nava: "Basta um esforço da memória e vou vendo cada pormenor, cada pessoa, cada lugar. Mas o conjunto de tudo isto, a amálgama deste passado só me invade integralmente coesa, ao estímulo das impressões casuais e raras que funcionam para a memória – como ponto crioscópico" (NAVA, BC, p.244). De um modo geral, o procedimento básico é o de partir de um detalhe material escolhido e de forte cunho colecionista e pessoal (uma foto, um documento, um desenho, etc) e ele é minuciosamente examinado. A volta ao passado se dá, então de forma inevitável.

4.2 **A autofiguração da cena do nascimento**

A epígrafe de abertura de *Baú de ossos,* "Eu sou um pobre homem da Póvoa de Varzim…", de Eça de Queirós vai se refletir em um motivo recorrente nas memórias de Pedro Nava: "Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais" Ao expor-se desse modo, parece tentar uma aproximação com o leitor, é como dissesse: "diante de ti, leitor, sou um igual ou inferior". Esta é a chave para que se estabeleça entre os dois, narrador e leitor, uma comunicação. A expressão "eu sou um pobre homem" será repetida no final do segundo capítulo, após as histórias de sua família paterna e materna e de suas primeiras lembranças. Será uma espécie de tema que volta de tempo em tempo nos demais volumes.

A modéstia manifestada pelo narrador chama a atenção para uma espécie de jogo que cria ao manifestar-se humilde. Entretanto, a afirmação inicial é desmentida pelo modo como é elaborada, por um narrador astuto e culto, levando o leitor a questionar como um

“pobre homem” pode poderia utilizar artifícios tão bem elaborados para contar a sua história de vida:

> Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome da rua Principal e ficou sendo depois a rua Direita da Cidade do juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente a mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da rua Espírito Santo e do Alto dos Passos.
> A primeira é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades decrépitas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida […] A segunda é a direção do oceano afora, serra do Mar abaixo, das saídas e das fugas por rios e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas – singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas – que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal e ao encontro das derrotas latinas do mar Mediterrâneo (NAVA, BO, p.35-36).

No trecho citado acima, destaca-se um movimento da prosa que conduz à cena do nascimento do narrador. No entanto, trata-se de uma falsa cena, na medida em que o nascimento será retardado, ocorrendo em algumas páginas depois. Há um histo entre “Nasci nessa rua…” e “Pois foi no lado fronda que nasci, às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903” (NAVA, BO, p.39).

A menção à cidade natal é o ponto de partida para a reconstituição de uma paisagem cuja importância é evidente. A casa da avó materna revela duas informações importantes para compreender melhor o lugar do narrador neste cenário. A primeira dá conta da condição social da família materna, sendo o sobrado um tipo de construção que na época destacava socialmente o seu proprietário. Aliada à boa condição social da família na época do nascimento, o narrador chama a atenção para a mecânica ao lado da casa. Dito de modo simples, encobre o fato enobrecedor de sua família ter se fixado na região mais rica e próspera do estado mineiro, desenvolvida entre o final do século XVII e século XVIII, por ser passagem entre regiões de exploração de ouro e pedras preciosas e o seu escoamento pelo Rio de Janeiro. A mecânica é sinal de que a cidade modernizava-se:

> Havia fábricas, como a do Eugeninho Teixeira Leite, e a mecânica, onde homens opacos se entregavam a um trabalho que começava cedo e acabava tarde no meio de apitos de máquinas e das palmadas dos couros nas polias. Foi dali e do lado do largo do Riachuelo que vi, um dia, bando escuro vir desfilar desajeitadamente na rua Direita, com estandartes, cantos e bandeiras (tão lento que parecia uma procissão!) e ser dispersado a espaldeiradas diante da casa de minha avó, que aplaudia da janela a destreza dos policiais. Ouvi pela primeira vez a palavra greve” (NAVA, BO, p.37).

Desde a primeira frase “Eu sou um pobre homem…” até a exposição da filiação tem a função de dramatizar a cena do nascimento. E esta ocorre em um anticlímax. À prosa colorida que tomava conta do “lado fronda”, seguem-se informações que poderiam estar numa ficha médica: “…nasci às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903”. O que parece ser a real cena do nascimento, que foi protelada por algumas páginas, é de fato, seca e curta. A ausência de qualquer atração faz com que passe despercebida, retirando do momento sua possível dramaticidade. O fato do narrador retirar dela qualquer traço comovente e torná-la imperceptível entre considerações genealógicas evidencia um posicionamento contrário à abordagem corriqueira do tema. O narrador parece querer apagar do seu nascimento esse vestígio tradicional. Apesar das especificações de horário e data, o momento está espremido entre o princípio ético ao quer vincular as suas origens e a lista de ancestrais. Apesar do nascimento já ter sido mencionado no começo do capítulo ou até por isso, a duplicação ou retardamento evidenciam agora sua pouca importância para a história individual no conjunto das memórias e, mais ainda, o desejo da história do “eu” ser escondida pela de outras pessoas. No caso, em primeiro lugar, a de sua família. Desvia, portanto, a atenção do leitor escondendo-se, retirando da cena qualquer aspecto comovente ao retardá-la.

Entretanto, a cena do nascimento de Pedro Nava é revisada pela terceira vez e de modo completamente diferente das mencionadas acima. Aqui a datação é descartada e, ao contrário das cenas anteriores, a referência retoma a função tradicional organizando a narrativa, antecedendo as histórias da infância do narrador, além de pronunciar uma marca, uma sina, uma determinação em relação ao futuro. A cena é posterior à longa história da vida conjugal dos pais, no interior de Minas Gerais, para onde o pai fora designado em seu trabalho de médico:

> Meu Pai morava numa bela casa quadrada de seis janelas e porta abrindo na varanda fronteira – onde caçava aranhas-caranguejeiras a tiro de revólver. Quando era noite de lua e não tinha ninguém parindo ou morrendo, cavalgava com a mulher para a Fazenda de Santa Clara, para conversar com seu Carneiro e d.Elisa, que tinham sempre abertas a casa e a pipa do vinho recém-chegado de Portugal. Durou essa vida menos dum ano, pois minha Mãe, no fim da gravidez, levou-me para nascer na Rua Direita 179, casa de Inhá Luísa. Vim ao mundo com uma penugem densa e feia nas orelhas, impressão das aranhas do Sossego (NAVA, BO, p.266).

Como se pode notar, o narrador acaba sucumbindo ao apelo dramático tão comum à cena: as orelhas do recém-nascido comparadas às aranhas que assustaram a mãe ao longo de sua estada no interior. O detalhe de forte contraste (orelha do bebê e aranha) serve para chocar o leitor. Trata-se de um símbolo da sua “feiura”, que ao longo da narrativa voltará

transformada em seus inúmeros autorretratos.

4.3 **A autofiguração da casa da infância**

Uma das mais recorrentes maneiras fixadas pela literatura de se recuperar as lembranças infantis é a imagem da leitura ou da "dramatização da cena da leitura" (MOLLOY, 2003, p.33). Num certo sentido, reler o livro da infância é fazê-la existir num outro momento:

> Mas basta que eu comece sua releitura (os contos de Hans Andersen) para senti-lo novo em folha, claras páginas, iluminuras resplandecentes, dorso reluzente. E logo um sangue menino circula em minhas veias e readquiro ouvidos para ouvir realmente o grito da fada paradisíaca. Come with me, come with me. Vou (NAVA , BC, 257).

A cena de leitura vai projetar a futura história do "eu" como de alguém ligado às palavras, à escrita muito antes mesmo de seu conhecimento: "Não possuía noção de leitura e já minhas tias mandavam para Juiz de Fora revista infantil que eu folheava e cortava" (NAVA, BO, p.404) e, por outro lado, a lembrança dos personagens literários aparece de modo tão ou igualmente forte quanto a dos parentes queridos:

> Anos depois identifiquei as mesmas ilustrações lendo Maupassant, Daudet, Mirbeau. Foi como um encontro de sombras da infância quando deparei com os desenhos de Vallet e Jeanniot em *Mademoiselle Fift* e *Boule de suif*; os de Rossi e Myrbach em *Jack e Sapho*; outra vez os de Jeanniot e os de Carrey no *Le calvaire* e em *Sébastien Roch*. Eles me deram as chaves da literatura da tia (NAVA, BO, p.402).

Para o narrador, a lembrança da leitura de um livro é um poderoso mecanismo de recuperação do passado. As personagens dos livros da infância farão parte do material variado para qual o narrador se volta para falar de si mesmo, pois a releitura funciona como uma das chaves usadas:

> As chaves que eu também usei para abrir a nossa casa velha e entrar, como nos jamais. Nela, além de meus mortos (esses meus mortos que me matam!), encontrarei sempre Napoleão Bonaparte, Sancho Pança, Dom Quixote de la Mancha, Genoveva de Brabant...Sim, Genoveva de Brabant, cuja história eu li em Aristides Lobo, num

> pequeno volume vermelho em que ela e Golo vinham com outra novela chamada *Os ovos de Páscoa*. Dela tenho recordações pessoais e não as recordações de Proust (NAVA, BO, p.342).

A referência à casa da infância também é considerada uma das tópicas da prosa autobiográfica. De um modo geral, a "casa velha" da infância segue uma espécie de modelo, no qual se inclui a preocupação com as origens e a investigação das primeiras lembranças. A lembrança da "casa velha" teria o poder de despertar outras lembranças, além de ser uma tentativa de "eternizar" um momento do passado que se julgou mais feliz em comparação com o presente.

Em função da morte precoce do pai e pelo caráter de fuga do presente, o tom da narrativa será fortemente melancólico porque, na rememoração, os elementos que passam a envolvê-lo (as imagens da época) entram em choque com o que restou (móveis, a rua sem as casas da época). A essa melancolia se sobrepõe um outro tom, que projeta as lembranças da "casa velha" para uma época fora do tempo. A vida numa espécie de paraíso perdido, principalmente, porque o narrador se esforça em reanimar a criança daquela época. Uma das marcas dessa feliz, e ao mesmo tempo, dolorosa lembrança é a da sua fugacidade. E, mais uma vez, a quase impalpabilidade dessa imagem, próxima do esquecimento total, confere à narração um alto grau de credibilidade. Isto não significa que o narrador não se preocupe com a investigação das minúcias dos detalhes evocados. Por meio deles, elabora um retrato do que foi a vida familiar.

A narrativa da "casa velha" (assim como de outros elementos para a recuperação do passado) é, no geral, o resultado de uma existência combinada e simultânea de coisas diferentes. Como se precisasse tomar posse de tudo que se refere a esse mundo, exacerba em detalhes, seguindo ainda dois movimentos distintos e que se justapõem: de um lado, o do mundo "para fora", cobrindo ruas, pessoas, sons, de outro, o "de dentro", a mais singular e única lembrança pessoal. A "casa velha" mostra-se como uma espécie de quebra-cabeças, cujos pedaços são feitos dos mais variados materiais, além de diversos tamanhos e cores. Mas nele tudo é inconstante, pois depende de elementos como: uma lembrança que voltou de repente, novas fotografias, novas informações, etc.

O portão da "casa velha" tem significado importante, pois impõe limites ao menino: "O cadeado e a corrente impediam-me de sair e misturar-me à molecada" (NAVA, BO, p.343). Entretanto, do mesmo modo que nada impedia o velho de viajar da janela de seu apartamento pela Glória, de modo algum o cadeado e as correntes impedirão a "viagem" pelas

ruas do Rio Comprido, na volta à casa da infância. Ao contrário, longe de deter-se apenas no ambiente doméstico, é conferido ao portão um simbolismo poderoso, pois é ali pendurada que a criança, olhando "para direita" e "para a esquerda", subverte espaços e tempos e nada escapava do seu curioso olhar:

> Para escapar eu tinha de atirá-lo (o olhar) para os píncaros do morro […] Ou mais alto, mais alto ainda! Para os céus! Ora vazios e duma dureza de turqueza, ora povoado de nuvens […] Eu passava horas olhando os céus sucessivos e suas nuvens mutáveis. Nunca, jamais, jamais a mesma. Sempre de forma renovada, instável, oscilante, dando nascimento a novas... (NAVA, BO, p.345-346).

O portão da "casa velha", um ponto fixo no espaço e no tempo, transforma-se em símbolo de experimentação poética acerca da infância e da casa da rua Aristides Lobo.

4.4 **Autofiguração do contador de histórias**

As memórias de Pedro Nava são construídas a partir da mescla entre ficção e história. De uma certa forma, as personagens Rosa (em Baú de ossos) e tio Salles (em Balão cativo) representarão, nas memórias, a característica do narrador de "recriar" levando em conta o já ouvido e já lido.

Como já foi visto no capítulo 2, as negras eram as companhias constantes dos meninos na casa da avó materna de Pedro Nava e foram elas também as suas contadoras de histórias. Dentre elas, Rosa destaca-se por sua memória impressionante, era sempre consultada por todos a respeito de datas, endereços, histórias e versos: "registrava tudo para sempre e de modo indelével". Somava-se, ainda, o fato de conhecer, "ouvidas não sei onde nem de quem, todas as histórias de Andersen, Perrault e dos irmãos Grimm" (NAVA, BO, p.272), contadas todas as noites para o menino dormir. O mais interessante, entretanto, era a sua capacidade que Rosa possuía de dar vida aos personagens através de moradores da cidade: "Além de ouvir a onda de poesia das histórias de Rosa eu as vivia porque alguns personagens de suas sagas andavam envultados em conhecidas de Juiz de Fora" (NAVA, BO, p.273), para espanto e diversão do menino.

Do mesmo modo que Rosa alertava o menino dos perigosos e ameaçadores monstros da floresta encantada do Paletta "uma floresta toda de aço onde pastavam dragões

verdes vomitando chamas" (NAVA, BO, p.274), instruía-o a respeito da vida secreta dos moradores da cidade, cheias de mistérios, de princesas aprisionadas por pai cruel e outras histórias: "Toda essa maldade do Paletta era para prender a mulher e as filhas" (NAVA, BO, p.274). Além da verdadeira identidade do dr.Beauclair, que apesar de sua estatura, "era um dos sete anões da Branca de Neve" (NAVA, BO, p.274).

Na boca da Rosa ou na voz do narrador, pode-se dizer que a autoria delas torna-se coletiva, pois a repetição permite a variação do tema, mas ao ser retomada, encontra uma maneira de se manter invariável. Sempre a mesma e sempre diferente, de tempo imemoriais e de lugares remotos, incorporando-se facilmente, em função dessa indeterminação, à realidade de qualquer criança.

Tio Salles vai representar o lado erudito da contação de histórias, por seu aspecto autodidata, reforça a importância dada à literatura. Ele incentiva a imaginação do menino, como no passeio no Rio de Janeiro, antes da morte do pai, quando a criança comentava a respeito dos "dragões que viviam no mar":

> A uma observação que fiz a respeito, meu tio Salles, que tinha imaginação, longe de me dissuadir como o faria um imbecil, mostrou-me logo, além dos familiares, outros dragões espojando na espuma e nas ondas […] A reminiscência desse terror poético é que me permite trazer para a velhice restos intactos de mistérios, de infância e minha crença na existência da serpente marinha, do monstro do lago Ness, do homem abominável das neves, dos discos voadores (NAVA, Bo, p.417).

A exemplo de Rosa, tio Salles também criava histórias para os moradores da pensão onde morava com Pedro Nava, transformando-os em personagens. Nessa "viagem" com o tio Salles, como naquela com Rosa, um dos moradores da pensão, um general, tem a sua biografia acrescida de lances heroicos vividos durante a Batalha de Canudos e a Revolta da Vacina. A um outro, um discreto senhor português, era-lhe atribuído um passado de assassinato e de fuga. Uma senhora esquelética e misteriosa ganhava biografia policial: latrocínio, desfalques, raptos, fugas e assassinatos. Tudo isso porque, segundo a teoria do tio Salles, as pessoas mostravam-se assim mais complexas, melhor acabadas como se tivessem saído das páginas dos livros. Histórias que criava para "descansar o espírito" e "sempre que ele via um verdadeiro tipo, qualquer que na sua fugisse do todo-o-mundo, logo começava seu enredo e a criar uma espécie de novela onde o indivíduo focalizado movia-se melhor que na sua própria existência" (NAVA, BC, p.272).

Diante de tais práticas, o memorialista sente-se também à vontade para criar as

suas histórias. Transforma-se, então, em ator e espectador do mundo ao seu redor e apresenta-se como um produtor, alguém que também interfere no cotidiano e o modifica. As pessoas, nas memórias de Pedro Nava, são submetidas a um processo de transformação, significando até mesmo contradição ao mundo ao qual anteriormente pertenciam, adquirindo vida própria. Seguindo os modelos de Rosa e tio Salles, Nava incorpora elementos inventados no texto pessoal. Frequentemente, invenção significa aqui empréstimo de coisas alheias, construção de personagens com características de vários outros, justaposição de elementos de outros livros, ajudando a dar uma forma melhor acabada à história.

4.5 **A autofiguração da primeira lembrança**

A estudiosa Sylvia Molloy afirma em *Vale o escrito*, que "a primeira lembrança constitui uma espécie de epígrafe, uma autocitação que, embora não resuma a essência do que está por vir, aponta nesta direção" (MOLLOY, 2003, p.309). A lembrança mais longínqua que Pedro Nava narra, remete-o a:

> 1905, com pouco mais de dois anos, quando fui ao Ceará para me batizar. Não tenho dessa viagem senão a vaga recordação da forma de uma escoltilha […] Dizia minha mãe que era preciso não me perder de vista nem um instante, pois tudo que me caia às mãos (comida, uma pulseira, vários sapatos, roupa, um par de brincos de coral, escovas, todas as chaves das malas, duas bengalas, vários livros) era imediatamente atirado pelas escotilhas ou bordo acima – para meus amigos delfins e peixes-voadores (NAVA, BO, p.66)

O narrador sugere que a lembrança pessoal, com forte probabilidade de ter ocorrido, em se tratando, de um modo geral, da capacidade da criança em desregrar o ambiente dos adultos, tornou-se mais nítida e compreensível devido ao auxílio de uma outra pessoa. Nada o impediu, auxiliado por esse testemunho, de colar à "vaga recordação" da infância uma série de informações de cunho por sua vez preciso, como a lista detalhada de objetos jogados através da escotilha. O memorialista narra como sua primeira lembrança algo indeterminado justamente porque ele adquire maior credibilidade pela relação que acaba estabelecendo entre a afirmação da incerteza e a confirmação esmiuçada de sua própria mãe.

O narrador seria alvo de desconfiança do leitor se afirmasse ter guardado com clareza na memória essa cena vivida aos dois anos de idade. A estratégia é justamente

contrária. Confessando a opacidade da imagem e a ajuda de terceiros vai ganhando aos poucos a preciosa confiança do leitor. Segue essa mesma linha a lembrança de uma cirurgia, em plena sala de jantar da família Nava, em Juiz de Fora: “Hoje chama-se apendicite supurada e no caso de minha prima, apesar das injeções de electrargol, a coisa terminou em septicemia e morte. Não tenho disso senão o conhecimento do que contava minha mãe, que ajudara no ato fervendo guardanapos de cozinha. Cirurgia de 1905” (NAVA, BO, p.268).

Em se tratando das impressões envolvendo as primeiras lembranças, tudo permanece vago, assim como as imagens surgem de modo arbitrário, sucedendo ainda outras imagens ou sensações não menos imprecisas. Portanto, o esclarecimento dessas primeiras lembranças acaba dependendo de considerações ou de outras lembranças formadas posteriormente, levando-as a deformações devido a ação do tempo: novas lembranças vão se sobrepor a elas, outras referências lhe serão acrescidas, transformando as sensações iniciais. Neste caso, se de sua primeira lembrança surgem imagens arbitrárias, o narrador completa-as com o auxílio da literatura, da pintura ou, ainda, da imaginação.

A sobreposição das vivências posteriores ao conteúdo das primeiras lembranças da infância faz com que elas se apresentem para o leitor como incongruentes, sem importância, até mesmo banais e nada reveladoras. Entretanto, o próprio narrador acaba advertindo:

> Só aparentemente sem razão porque não há associação de ideias que seja lógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! Só aparentemente! (NAVA, BO, 267).

O que o narrador parece sugerir é que nada na mente é arbitrário e indeterminado. Portanto, o leitor deve partir da premissa de que as memórias de Pedro Nava convidam-no para um jogo. Entra-se nele para melhor apreciar a graça de sua prosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as obras *Baú de ossos* e *Balão cativo*, verificamos que o escritor Pedro Nava construiu, através das memórias de infância, suas autofigurações. Para tal, o memorialista selecionou, manipulou, recortou os fatos vividos para se reconstituir e apropriando-se da habilidade de contar histórias, dedicou-se a contar sua experiência de vida.

Baseados na afirmação da estudiosa Sylvia Molloy de que "nenhuma lembrança é inocente, menos ainda seria o uso que se faz dela" (MOLLOY, 2003, p.309), nos detivemos nas estratégias usadas por Pedro Nava para elaboração do "eu". Elementos que, em geral, são compartilhados pelas escritas de si e que são utilizados na fabricação da autoimagem desejada pelo autor. Nesta pesquisa, investigamos quais as autofigurações a que o memorialista recorreu para a construção das suas memórias e, principalmente, porque essa escrita se tornou a projeção do adulto que escreveu. Através das estratégias usadas pelo autor, ou seja, os elementos essenciais para a construção das memórias, tais como: a primeira lembrança, o romance familiar, a cena do nascimento, os lugares da memória, a cena de leitura, o tempo da escola, constatamos uma calculada forma de autofiguração.

Na reconstrução do passado, sabendo da impossibilidade de reencontrar as lembranças inteiras, tais quais realmente foram, Pedro Nava recua no tempo ciente da natureza fragmentária da memória seja ela voluntária ou involuntária. Diante da riqueza dos acontecimentos vividos, o memorialista processou o material que possuía, realizou a seleção, captou os sentidos, preencheu os lapsos e os esquecimentos com o exercício imaginativo, transformando o "eu" numa construção retórica.

O modo como são articulados os mais variados registros nas memórias de Pedro Nava apontam para quem os articula. Ao texto vincula-se, todavia, a imagem de um quebra-cabeças, no qual uma peça vai se encaixando na outra, tanto os elementos pré-escolhidos quanto os "arbitrários". E Nava mostra-se um arranjador, um colecionador, que os articula, dispensando a todos o mesmo tratamento. Na leitura, esses elementos vêm amalgamados, solicitando, ao mesmo tempo, que o leitor acredite e desconfie do narrador. Se o leitor estiver em busca da "verdade" - demanda que sempre pesa sobre a autobiografia ainda hoje – terá de fazê-lo de "fora" para "dentro" do texto, ou seja, confrontá-lo com outros discursos, quando, por exemplo, a narrativa toca em vivências coletivas. Mas essa "verificação" não retirará do texto o seu caráter ambíguo de ficcionalização de "fatos reais" ou de factualização do "fictício". Assim, as memórias de Pedro Nava dão mostras de que uma das saídas hoje para a

narração de uma história de vida, com todas as ressalvas possíveis, passa pela utilização de fórmulas comumente utilizadas pela ficção.

Portanto, o leitor deve perceber o narrador como um investigador meticuloso, um colecionador com o faro para o diferente e o realmente representativo, um arquivista cuidadoso, um diagnosticador de sinais e construtor de narrativas. Alguém capaz de redesenhar, por exemplo, não apenas os galhos visíveis de sua árvore genealógica, como também decifrar o significado de suas lacunas. Este poderoso investigador mostra-se ao mesmo tempo um envolvente contador de histórias. Desse modo, induz, o leitor a se identificar com a sua busca das origens familiares. E, em um segundo momento, leva-o a reconhecer que muito provavelmente esse interesse pela genealogia pessoal pode se transformar em conhecimento da própria história coletiva.

Somam-se ainda a técnica do médico diagnosticador, o olhar atento do caricaturista e pintor e o gosto pelas palavras, do poeta bissexto, ou seja, o gosto e o conhecimento do assunto, o domínio das técnicas e sensibilidade aguda para o inusitado e tudo isso sem perder a emoção.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE PEDRO NAVA

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Balão cativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Chão de ferro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Beira-mar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Galo das trevas***.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. *O Círio perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Cera das almas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

OBRAS SOBRE PEDRO NAVA

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória*: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Baú de surpresas. In: NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Pedro Nava a partir do nome. In: NAVA, Pedro. *Balão cativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Mario de. *Correspondente contumaz*: cartas a Pedro Nava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ARRIGUCCI JR., David. Móbile da memória. In: *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOTELHO, André. As memórias de Pedro Nava: autorretrato e interpretação do Brasil. In: NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOTELHO, André. Balão cativo: o aprendizado da memória. In: NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BUENO, Antônio Sérgio. *Vísceras da memória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

CANÇADO, José Maria. *Memórias videntes do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GARCIA, Celina Fontenele. *A escrita frankenstein de Pedro Nava*. Fortaleza: EUFC, 1997.

GUIMARÃES, Raquel. *Pedro Nava leitor de Drummond*. Campinas: pontes, 2002.

LE MOING, Monique. *A solidão povoada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Pedro Nava*. São Paulo: Abril Educação, 1983.

SAVIETTO, Maria do Carmo. *Baú de madeleines*: o intertexto proustiano nas Memórias de Pedro Nava. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava, o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2004.

_____. *Pedro Nava. Rio de Janeiro: Agir, 2005.*

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 2011.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. Poema de sete faces. Alguma poesia. In: _____. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. v.1, p.3-4.

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. São Paulo: Globo, 2002.

ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. São Paulo: Globo, 2010.

BANDEIRA, Manoel. *Itinerário de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2012.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Simone de Souza. *A vida que se escreve*: a representação da infância nas memórias de Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, José Lins do Rego e Cyro dos Anjos. 2003. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CAMINHA, Edmilson. *Palavra de escritor*. Brasília: Thesaurus, 1995.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite.* São Paulo: Ática, 1987.

FIGUEIREDO, Euridice. *Mulheres ao espelho*: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rosseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: _____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. *Frestas*: a teorização de um país periférico. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2013.

MIRANDA, Wander Melo Miranda. *Corpos escritos*. São Paulo: EdUsp, 2009.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*: a escrita autobiográfica na América Latina. Chapecó: Argos, 2004.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Globo, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. São Paulo: Edipro, 2008.